

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO-SENSU* EM PSICOLOGIA

**Melancolia ou sofrimentos de jovem? Uma reflexão  
psicanalítica a partir de Werther**

**CARLA JEUCKEN ALMEIDA**

NITERÓI

2016

**CARLA JEUCKEN ALMEIDA**

**MELANCOLIA OU SOFRIMENTOS DE JOVEM? UMA REFLEXÃO  
PSICANALÍTICA A PARTIR DE WERTHER**

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia da Universidade Federal  
Fluminense, como requisito parcial  
para a obtenção do título de Mestre  
em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Giselle Falbo Kosovski

NITERÓI

2016

*Dedicado a todos aqueles que me  
acompanharam durante essa travessia...*

**A447** Almeida, Carla Jeucken.

Melancolia ou sofrimentos de jovem? Uma reflexão psicanalítica a partir de Werther / Carla Jeucken Almeida. – 2016.

89 f.

Orientadora: Giselle Falbo Kosovski.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2016.

Bibliografia: f. 85-89.

1. Psicanálise. 2. Melancolia. 3. Goethe, Johann Wolfgang von, 1749-1832. Os sofrimentos do jovem Werther. 4. Juventude. 5. Luto. I. Kosovski, Giselle Falbo. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

## Agradecimentos

Agradeço aos elos basilares da corrente que me sustentou durante este percurso.

Aos professores do programa de pós-graduação da UFF que apostam em um curso de acesso público e de qualidade, principalmente às professoras Claudia Osório e Maria Livia Nascimento. Às secretarias Fernanda e Rita com quem pude contar um bocado de vezes.

À orientadora Giselle Falbo que acompanha com muita paciência meus trabalhos acadêmicos desde a graduação, apesar das minhas dificuldades. Agradeço pelas aulas, pelas orientações, pela disponibilidade para me orientar e me ajudar nos momentos mais difíceis durante a elaboração desse trabalho.

Aos membros da banca Heloísa Caldas e Paulo Vidal por aceitarem o convite para participação da banca, pelas contribuições que enriqueceram este trabalho.

À professora Letícia Balbi por acompanhar meu percurso desde a graduação, contribuindo com supervisões que foram muito importantes para minha formação e para elaboração deste trabalho. À Cristiane Marques pelo apoio desde minha entrada no curso até sua conclusão.

À minha mãe, aos meus irmãos, à vó (*in memoriam*) e à Tita (*in memoriam*) pelo amor incondicional. Ao meu pai por ter me permitido fazer de sua máquina de escrever meu brinquedo favorito.

Às preciosidades da UFF: Heloísa sincera, que me lembra das coisas relevantes e até do que eu me esforço para esquecer, porque amigos servem pra isso também; Izabel que com sua doçura me ensinou que a vida oferece bons encontros e é nossa responsabilidade manter os laços que eles produzem e Mariana, amiga querida que transmite paz com suas palavras (e pés) firmes.

Ao meu melhor amigo Flávio pelos vinte e um anos manejando freios que evitam que eu despenque a cada passada que dou nas escaladas da vida – e do Grajaú.

À tia Denise e ao tio Lavoisier e ao Miguel por acreditarem nos estudos como uma via de crescimento pessoal e profissional.

Aos professores do departamento de Letras português/alemão da UERJ pelo trabalho sério e dedicado, apesar do estado precário da universidade.

À Anna Carolina Magaro, pessoa doce e nada sutil que mesmo à distância tem presença marcante na minha vida. À Juliana Couto pela disponibilidade para me ajudar com a tradução do resumo.

Aos amigos que me ofereceram apoio e incentivos: Dani, Vinicius, Valmir, Daphne, Jorge e Carol, Natasha.

Aos que torceram pela conclusão deste trabalho.

*Ein sonderbarer Trieb, der sich mit der Zerstörung seines eigenen organischen Heims befaßt! Die Dichter sprechen zwar von solchen Dingen, aber Dichter sind unverantwortlich, sie genießen das Vorrecht der poetischen Lizenz.*

*Que pulsão estranha essa que se dedica à destruição do seu próprio lar orgânico! É verdade que os poetas falam de tais coisas, mas poetas são irresponsáveis, eles gozam o privilégio da licença poética.*

*Freud, tradução nossa*

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre melancolia, sobre trabalho de luto e os impasses na juventude a partir da obra de Goethe, *Os sofrimentos do jovem Werther*. Considerando que a obra foi lançada em uma atmosfera literária melancólica, marcada pelo sentimento de *Weltschmerz* (dor de mundo), abordamos primeiramente sua contextualização no movimento pré-romântico Sturm und Drang até o momento de seu declínio, considerando a recepção do público e os efeitos que a obra teve para Goethe. Na sequência, discorremos sobre o sintagma dor de existir tal como Lacan o trabalhou. Retomamos o significante melancolia pelo viés psiquiátrico, apresentando várias significações e categorizações às quais foi atrelado até a inserção do conceito como subtipo do diagnóstico de depressão. A partir das contribuições de Freud e Lacan, notamos que a psicanálise distancia-se da psiquiatria por não privilegiar os sintomas para estabelecer um diagnóstico e a direção de tratamento de pacientes considerados melancólicos. Destacamos que a psicanálise prioriza um diagnóstico diferencial e a singularidade de cada sujeito. A partir deste percurso, tomamos a referida obra de Goethe e discutimos após uma breve introdução sobre o drama, algumas questões que perpassam a juventude, como a separação dos pais e o estranhamento da imagem de si, o que exige do jovem um trabalho de luto e um rearranjo narcísico decorrente da desestabilização da imagem construída quando criança. Por último, utilizamos os apontamentos de Lacan para abordarmos a problemática relação entre sujeito e objeto e a passagem ao ato da personagem.

Palavras-chaves: Psicanálise, Melancolia, Werther, Juventude, Luto



## Zusammenfassung

Das Ziel der vorliegenden Masterarbeit ist es, aus dem Werk von Goethe *Die Leiden des jungen Werther* über die Melancholie, die Trauerarbeit und die Aussichtslosigkeiten der Jugend zu reflektieren. Wenn man in betracht zieht, dass das Werk in einer melancholischen literarischen Stimmung - und von dem Weltschmerz charakterisiert – veröffentlicht wurde, wird zunächst sein Hintergrund im Rahmen des Sturm und Drang, – bis zu seinem Untergang – die Rezeption des Publikums und den Effekt des Werkes in Goethes Leben erwähnt. Darauf lässt man sich über die Vokabel Daseinsschmerz aus, genauso wie Lacan sie bearbeitete. Man nimmt das Wort Melancholie unter der psychiatrische Absicht und präsentiert verschiedene Bedeutungen und Kategorien, mit denen es verbunden bis zur Einfügung des Begriffs als Subkategorie der Diagnose der Depression war. Aus den Beiträgen von Freud und Lacan stellt man da, dass die Psychoanalyse von der Psychiatrie entfernt, weil sie die Symptome nicht privilegiert, um eine Diagnostik und die Richtung der Behandlung der melancholischen angesehenen Patienten festzusetzen. Man hebt hervor, dass die Psychoanalyse eine differenzierte Diagnose und die Einzigartigkeit von jedem Mensch bevorzugt. Seit diesem Verlauf bearbeitet man das oben gennante Werk von Goethe und erörtert man – nach einer kurzen Einleitung des Dramas – einige Problematiken, die die Jugend durchziehen, wie die Scheidung der Eltern und die Verfremdung des Selbstimages, die eine Trauerarbeit und eine Anpassung von dem Narzissmus resultierend aus der Verunsicherung des Images als Kind entstanden eines Jugendlichen verlangt. Zum Schluss verwendet man Lacans Aufzeichnungen, um die problematische Beziehung zwischen Subjekt und Objekt und den Übertritt zur Tat der Hauptperson zu erörtern.

Schlüsselwörter: Psychoanalyse, Melancholie, Werther, Jugend, Trauer

## Sumário

Introdução .....	11
1. MELANCOLIA NO STURM UND DRANG E O WERTHER DE GOETHE .....	15
1.1 A verdade do artista e a transgressão das regras: os gênios do <i>Sturm und Drang</i> .....	16
1.2 Melancolia e ímpeto dos jovens escritores.....	17
1.3 Elaboração e efeitos de Werther .....	19
1.4 O declínio do movimento e a retomada dos ideais clássicos .....	21
2. MELANCOLIA EM PSIQUIATRIA E PSICANÁLISE: DA SINTOMATOLOGIA AO DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL.....	24
2.1 Melancolia e teoria humoral em Hipócrates e Aristóteles.....	27
2.2 Melancolia na história da psiquiatria .....	28
2.3 As elaborações de Freud sobre luto e melancolia.....	35
2.4 A melancolia em Lacan .....	40
2.5 Por que tomar a psicanálise pela obra de Goethe?.....	41
3. CONTRIBUIÇÕES DE WERTHER À PSICANÁLISE.....	44
3.1 Puberdade, adolescência e juventude: transição e separação da autoridade dos pais.....	50
3.2 Narcisismo e a (des)construção dos ideais .....	57
3.3 O traumático da linguagem e a função do <i>Fort-Da</i> .....	60
3.4 Agressividade: uma reflexão a partir do objeto <i>a</i> e <i>das Ding</i> .....	64

3.5 Passagem ao ato: identificação radical do sujeito com o objeto? .....	67
3.6 Amor e melancolia: ausência da falta e a problemática ligação ao objeto.....	70
3.7 Considerações finais: o laço de Werther com Lotte.....	72
Considerações finais .....	79
Referências bibliográficas .....	84

## Introdução

O interesse pelo tema desse trabalho surgiu a partir das discussões sobre teoria psicanalítica nas disciplinas de estágio obrigatório durante o curso de graduação em Psicologia, concluído em 2012, e dos estudos sobre literatura e língua alemãs realizados no curso de graduação em Letras Português/Alemão, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Inúmeros escritores e obras de arte foram considerados na edificação da teoria psicanalítica de Freud e Lacan. Dentre os autores que Freud utiliza como referência, destacamos Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), autor mais citado pelo psicanalista<sup>1</sup>. Freud recebeu o prêmio Goethe, prêmio dedicado àqueles que honraram a memória do poeta, ocasião em que o psicanalista afirma que Goethe foi um precursor da psicanálise, pois teve a intuição de muitas questões que mais tarde foram formalizadas (DAFUNCHIO, 2016).

Escritor, poeta, romancista, Goethe foi, junto com Schiller, um dos representantes do *Sturm und Drang*<sup>2</sup>, movimento literário pré-romântico iniciado por volta de 1770 que rompeu com os tradicionais modelos de produções artísticas pautadas nos cânones estéticos propostos pelo Iluminismo<sup>3</sup> e pelo classicismo francês (ROSENFELD, 1969, p. 145). Enquanto estes determinavam padrões estéticos que visavam formas coesas e perfeitas de arte, o *Sturm und Drang* valorizava o subjetivismo, a expressão de sentimentos e emoções, voltando-se para a introspecção do eu. Essa primeira expressão romântica teria desencadeado uma atitude de “dor de mundo”<sup>4</sup> por ressaltar a incompatibilidade entre o indivíduo e a sociedade, gerando um sentimento melancólico frente à contemplação do mundo e da vida (ROSENFELD, 1969, p. 146).

Nesta atmosfera literária, Goethe escreve em quatro semanas a obra *Os sofrimentos do jovem Werther*<sup>5</sup>. A trama é narrada pelo protagonista através de cartas endereçadas a outro personagem que exerce papel de mediador entre Werther e o leitor da obra. Segundo Backes (1996) “não foram poucos os suicídios

---

<sup>1</sup> Goethe foi citado duzentas vezes ao longo da obra de Freud (NOGUEIRA, 2008, p. 77).

<sup>2</sup> Tempestade e ímpeto.

<sup>3</sup> Aufklärung.

<sup>4</sup> Weltschmerz

<sup>5</sup> Título original alemão: Die Leiden des jungen Werther.

atribuídos ao romance. Construído em torno do crescente martírio do personagem, a história tem como desfecho seu suicídio. O bispo Lorde Bristol chegou a acusar Werther de ser “uma obra imoral que levava os jovens a se suicidarem” (BACKES, 1996, p.10). Embora nunca tenha sido comprovado o impacto suicida que o romance gerou na sociedade, a onda de suicídios decorrentes da leitura da obra recebeu o nome de *Efeito Werther* e recentemente teria sido tema de pesquisas científicas (ALMEIDA, 2000, p. 37).

Tendo em vista as inúmeras contribuições da literatura para a construção da psicanálise, selecionamos a referida obra de Goethe para refletir sobre melancolia e juventude. Utilizando o referencial teórico psicanalítico de Freud e Lacan, centramos a discussão desse trabalho em torno de dois eixos: os impasses vivenciados durante juventude e a melancolia, que segundo os literatos, é característica marcante da personagem central do livro utilizado e do movimento literário *Sturm und Drang*.

Em outros contextos em que as mudanças na sociedade geraram queda dos ideais também encontramos o clima melancólico funcionando como motor para produções artísticas, tal como na época da Reforma em que o Barroco foi o representante do estado de alma do melancólico ou com o *Spleen* anos mais tarde, em que Baudelaire foi um de seus maiores poetas. Nos limites que este trabalho coloca, optamos por discorrer apenas sobre o contexto da obra utilizada. Para tanto, iniciamos o trabalho apresentando a atmosfera literária em que a obra foi escrita e os comentários de Goethe sobre sua criação, sobre o movimento e sobre a onda de suicídios que seu lançamento causou.

A dor de mundo do movimento alemão nos aproximou de algumas reflexões sobre a dor de existir tal como foi trabalhada por Lacan. Werther parece estar às voltas com uma dor intolerável e não consegue encontrar meios de apaziguá-la. Em seguida, discorreremos sobre os parâmetros que configurariam a melancolia no campo clínico. Fizemos um breve panorama histórico desde a filosofia antiga até as pesquisas psiquiátricas atuais, destacando as diferentes caracterizações do termo até chegar em Freud. Apesar de Freud ter partido da concepção de Kraepelin para desenvolver o tema, indicamos a ruptura que ele realizou com o campo psiquiátrico. Em seguida, apresentamos as contribuições da releitura de Freud por Lacan, esclarecendo o que faz da melancolia uma psicose, tal como a psicanálise a define.

Por último, a partir de alguns recortes da obra desenvolvemos o último capítulo com discussões concernentes aos impasses que se colocam na juventude e à melancolia. Nesta direção, apresentamos reflexões sobre o *adolescer*, processo de transição que pressupõe a separação da autoridade dos pais com a queda dos ideais e a criação de um saber-fazer frente ao retorno do traumático da linguagem; abordamos a agressividade delineando a diferença entre objeto *a* e *das Ding* e posteriormente a passagem ao ato, fenômeno recorrente durante a juventude e nos casos de melancolia; a identificação absoluta ao objeto nos casos de melancolia nos fez investigar a função do amor no processo de constituição subjetiva. Por último, dedicamos um tópico aos desdobramentos da ligação de Werther com Lotte. Fundamental para este tópico foram as referências que Lacan fez ao personagem.

Antes de finalizarmos, cabe fazer algumas pontuações sobre as referências aos termos alemães e as traduções citados no trabalho. Apresentamos as traduções dos textos e termos utilizados em língua estrangeira, indicando quando a tradução foi nossa. Nas citações diretas em português decidimos substituir alguns termos considerados inadequados por outros que achamos apropriados. Listamos aqui quais foram eles e indicamos que os primeiros foram substituídos pelos que vem em seguida: instinto x pulsão; catexia x investimento; ego x eu; id x Es (termo alemão empregado por Freud); repressão x recalque; narcisista x narcísico; superego x supereu. Poderíamos indicar em cada caso o porquê de cada escolha, mas achamos conveniente deixar a discussão terminológica desses termos para aqueles que se dedicam ao assunto e justificar apenas o motivo de nossa decisão de substituí-los. Primeiramente, entendemos que um equívoco na tradução pode provocar um erro teórico com consequências para o campo psicanalítico, um erro teórico pode ter consequências na clínica (IANINI, 2013, p. 23). Por outro lado, estamos de acordo com Chaves (2013) sobre vivermos em um contexto em que a ciência pretende explicar, mensurar, categorizar tudo o que é referente ao psiquismo, inclusive o que escapa às explicações. Assim, tendo como pano de fundo um campo de saber que se esforça para apagar o sujeito, traduzir *Trieb* por “pulsão” no lugar de “instinto”, por exemplo, não só é válido e legítimo – já que o termo comporta essa significação – como também assinala algo concernente à ética da psicanálise frente ao sofrimento, distanciando-a da psiquiatria.

Por fim, no que diz respeito às traduções da obra de Goethe utilizadas neste trabalho, selecionamos primeiramente uma série de passagens que julgamos pertinentes ao tema; conforme a elaboração dos textos foi desenvolvida, realizamos alguns descartes e cotejamos com o texto alemão aquelas que foram utilizadas. Referente aos nomes dos personagens, demos preferência aos nomes originais: Werther, Albert, Lotte e Wilhelm. Quanto aos dicionários consultados, embora todos eles estejam listados nas referências finais, indicamos em nota de rodapé quais deles foram utilizados para embasar as significações apontadas pro termo em questão.

## 1. MELANCOLIA NO STURM UND DRANG E O WERTHER DE GOETHE

Desde a Antiguidade até os dias de hoje, o significante melancolia já foi atrelado a diferentes significações em diversos campos – filosófico, médico, clínico. Segundo Elisabete Thamer<sup>6</sup> (ARISTÓTELES, 2014), o vocábulo é composto por dois termos, mélaina (negra) e cholé (bílis) e o termo nos remete à teoria dos humores postulada na Antiguidade para justificar o *pathos*<sup>7</sup> decorrente do desarranjo entre eles<sup>8</sup>.

Pode-se ter um vislumbre da polissemia do termo em *Saturno nos trópicos* de Moacyr Scliar (2003), trabalho em que o autor constrói uma pesquisa erudita e detalhada sobre as diversas concepções de melancolia ao longo da história, articuladas aos campos da filosofia, medicina, antropologia, literatura e outros. Da pesquisa de Scliar (2003) podemos inferir que o termo já foi empregado para designar: a condição existencial do homem, a tristeza repentina e inexplicável que acomete o sujeito, tédio, sentimento nostálgico, loucura e delírios, isolamento, tristeza não prolongada, luto, culpa, doença de humor ocasionada pelo corpo biológico, depressão, sentimento decorrente de mudanças nos contextos sociais, distímia, lipemania e o sofrimento decorrente de paixões.

*Saturno nos trópicos* (Scliar, 2003) nos aponta dois pontos importantes para esta pesquisa: a confusão no emprego do termo e a necessidade de sua delimitação nos recortes escolhidos para este trabalho, tanto no campo clínico com Freud e Lacan, como no campo literário com Goethe durante o período pré-romântico em que ele escreve a obra escolhida para desdobrar a pesquisa. Werther é um personagem melancólico, seu feitio considerado a melhor expressão de seu tempo. Mas é a melancolia para a literatura a mesma que Freud tratou em *Luto e*

<sup>6</sup> Elisabete Thamer é a tradutora do texto *Problema XXX* de Aristóteles, utilizado neste trabalho, disponível em: [http://www.ifcs.ufrj.br/~fsantoro/ousia/traducao\\_problema30.htm](http://www.ifcs.ufrj.br/~fsantoro/ousia/traducao_problema30.htm). Acessado em: 25/03/2014.

<sup>7</sup> *Páthos*, segundo Thamer, significa “o que se prova, o que se experimenta; o que afeta o corpo ou a alma; eventos ou mudanças que se produzem nas coisas (por oposição ao que se faz 'ativamente)”. Thamer assinala a definição de Aristóteles em *Metafísica VI*, 1022, 15-16: “Páthos se chama, em um sentido, a qualidade segundo a qual cabe alterar-se, como o branco e o negro, o doce e o amargo, a pesadez e a leveza, e as demais coisas tais; em outro, os atos e inclusive as alterações destas qualidades. Ademais, entre estas, principalmente as alterações e movimentos daninhos, e sobretudo os danos penosos. Ainda, se chamam afecções (páthe) os infortúnios e penas graves” (ARISTÓTELES, 2014).

<sup>8</sup> Abordaremos brevemente as definições de Hipócrates e Aristóteles no segundo capítulo, quando delinearmos a definição de melancolia no campo clínico.



*Melancolia*, em 1915? Assim, achamos relevante dedicar primeiramente um capítulo ao *Sturm und Drang* e a inserção da obra neste período para em seguida nos dedicarmos à definição do “tipo clínico” melancólico para a psiquiatria e para a psicanálise e, por fim, aos sofrimentos de Werther.

### **1.1 - A verdade do artista e a transgressão de regras: os gênios do *Sturm und Drang***

O *Sturm und Drang*, movimento literário que surgiu em 1770, também conhecido como movimento pré-romântico, durou aproximadamente 15 anos e dentre os autores que se envolveram neste movimento estão Herder, Schiller e o jovem Goethe (ROSENFELD, 1993, p. 66). Influenciados pela visão pessimista da civilização de Rousseau, pelo sentimentalismo, pelo pietismo, pela tendência ao primitivo e ao subjetivismo radical, pelas teorias inglesas de gênio e pelas obras de Shakespeare (ROSENFELD, 1993, p.121), a razão passa a perder seu valor primordial na concepção das obras. A consequência dessa mudança é o surgimento de uma nova concepção de indivíduo. A singularidade é acentuada e a ênfase recai no que há de característico, não mais no típico do poeta, sendo considerado mais importante para esses autores o ato criativo e não a obra (ROSENFELD, 2003, p.150)

De um modo geral, a concepção do gênio, tanto dos *Stürmer und Dränger* como dos românticos, desloca o centro gravitacional do pensamento estético. [...] A obra, antes válida enquanto objeto perfeito, vale agora sobretudo enquanto revelação da verdade íntima do criador. A “perfeição” é nociva na medida em que suprime a sinceridade e espontaneidade. (ROSENFELD, 2003, p.149)

Em seu ímpeto criativo, os autores tomam como ideal a genialidade de suas obras, isto é, a autenticidade decorrente da transgressão de regras e normas, maior expressão possível da subjetividade do poeta. Para Goethe essa concepção de gênio dos *Stürmer und Dränger* era considerada problemática

O termo “gênio” tornou-se uma palavra de ordem universal, e como era ouvida com tanta frequência, supunha-se que também fosse comum a coisa que ela designava. Mas, como cada um tinha o direito de exigir gênio nos outros, acabava por acreditar que ele também o possuía. Estava-se ainda longe do tempo em que alguém poderia declarar que o gênio é essa força do homem que, através da ação, faz a lei e a regra. Nessa época ele não se manifestava senão pela transgressão das leis existentes, pela anulação das regras estabelecidas e pela negação de todo limite. [...] Moços ardentes [...] perdiam-se no ilimitado. (GOETHE, 1986b, p. 571)

Em sintonia com a crítica de Goethe encontramos a formulação de Kant sobre o conceito de gênio e seu entendimento sobre o culto à genialidade que circulava entre os pré-românticos. Em *A analítica do belo*, Kant (2005, p. 156, apud SÜSSEKIND, 2009) afirma que esses autores “creem que se desfila melhor sobre um cavalo desvairado do que sobre um cavalo domado”. Para o filósofo, o gênio possui esta faculdade que cria obras de arte ao romper com parâmetros estéticos estabelecidos, ao mesmo tempo em que cria novas regras (SÜSSEKIND, 2009). Dessa forma, a criação artística comporta um caráter enigmático que a constitui, pois se não pode ser determinada por regras, tampouco pode prescindir de técnicas e procedimentos (SÜSSEKIND, 2009). Esse dom situa a criação artística aquém de explicações: a genialidade não é transmissível, nem apreensível.

Modelo de gênio para Goethe foi Shakespeare que influenciou o autor e outros jovens da época produzindo efeitos paradoxais: “ao mesmo tempo em que difundia a alegria, contribuía para minar as bases da natureza humana” (GOETHE, 1986b, p.440). A leitura de sua poesia repleta de “objetos tristes”, melancólicos, eram as favoritas dos jovens que, de acordo com seu caráter, tendiam para a poesia leve ou para “o desespero esmagador que rejeita toda salvação” (GOETHE, 1986b, p.440). Influenciados pela literatura inglesa, “cujos grandes méritos são acompanhados de uma grave melancolia que se comunica a todos os que com ela se ocupa”, a mocidade alemã é excitada e encorajada a “reflexões sombrias que levam a perder-se no infinito” (GOETHE, 1986b, p. 439).

## **1.2 - Melancolia e ímpeto dos jovens escritores**

A expressão da subjetividade e a rebeldia pré-romântica aparecem nas obras como luta pela liberdade política, amorosa ou religiosa, contra as limitações impostas pelas convenções sociais, pela Igreja, pelas diferenças sociais. Rosenfeld (2003, p. 146) afirma que “o violento ímpeto dos jovens poetas burgueses contra a sociedade do absolutismo alemão transforma-se em ódio à sociedade em geral” e boa parte da dramaturgia pré-romântica tem como ponto central a colisão entre o herói e a sociedade civilizada, decorrente do caráter anárquico do movimento. Ao tomarem tal incompatibilidade como algo inevitável e não como um fenômeno histórico, acentua-se o pessimismo em relação à civilização em geral, “um dos

motivos fundamentais do *Weltschmerz* (dor de mundo) tão característico da época romântica” (ROSENFELD, 1993, p.221).

Goethe (1986b) afirma que o “tédio à vida” (p. 438) tem causas físicas e morais e, focando no que seria o ponto principal para o estudo da melancolia, o autor sugere que “todo bem-estar na vida repousa sobre um retorno periódico dos objetos exteriores”. Remete-nos às estações dos anos, à sucessão dos dias, a tudo que se oferece em períodos regulares para que o homem possa desfrutá-lo (p. 438). A insensibilidade frente a esses fenômenos é o principal sintoma de tédio à vida, a vida se torna um penoso fardo. O poeta cita como exemplo o caso de um inglês que se enforcou para não ser obrigado a vestir-se e se despir todos os dias. O principal fator que contribuiria para que o despertar desse tédio é o “retorno do amor”. Para Goethe o primeiro amor é único; nos amores posteriores fica perdido seu sentido mais elevado: a ideia de eternidade e infinito que o sustenta cai e ele parece transitório como os fenômenos naturais:

as épocas morais se alternam como as estações. O favor dos grandes, as boas graças dos poderosos, os estímulos das pessoas ativas, as simpatias da multidão, a amizade, tudo muda e tudo passa [...], contudo, não são meros fenômenos naturais; escapam por nossa culpa ou por culpa de outrem, pelo acaso ou pelo destino. (GOETHE, 1986b, p.438)

Após falar sobre a culpa da pessoa ao deixar escapar as boas fases das épocas morais, Goethe (1986b) comenta que o que mais atormentaria alguém é o inevitável retorno de nossos erros. Ao mesmo tempo em que cultivamos nossas virtudes, cultivamos também nossos defeitos. O tormento advém pelo caráter abrupto dos defeitos, isto é, eles nos surpreendem, enquanto as virtudes são exercidas pela vontade e pela consciência. Estas dificilmente trazem felicidades, já os defeitos “não cessam de nos causar dores e sofrimentos” (GOETHE, 1986b, p. 438).

A disposição alemã para sofrer a influência da poesia inglesa provém da seriedade que esta sociedade possui para julgar as coisas, inclusive a vaidade e a fragilidade das coisas terrenas. As obras inglesas deixavam transparecer certa inteligência, sentimentos profundos e delicados, atividade apaixonada, as mais nobres qualidades admiradas, características que juntas transmitiam uma condição superior, imponente (GOETHE, 1986b, p.439). A maioria das poesias inglesas, segundo Goethe, revela um “tédio sombrio da vida”, fazem com que o leitor se perca

num campo em que se propõe um problema que ele é incapaz de resolver e nem mesmo a religião pode-lhe prestar socorro (GOETHE, 1986b, p.439).

Se Werther produziu tanto barulho, afirma Goethe (1986b), foi por estar em sintonia com “um mórbido devaneio juvenil” (p.440), efeito dos estudos e do gosto pela poesia inglesa, dos tormentos de paixões insatisfeitas em uma mocidade que não se dedicava a nenhuma atividade séria, que não tinha outra perspectiva a não ser “encerrar-se numa insípida e lânguida” vida burguesa (p. 440). A conjunção desses fatores produziu nos autores uma disposição para “poder deixar a vida quando quisesse, quando não achasse mais do seu agrado” pra fugir “às injustiças e ao tédio cotidiano” (p. 440).

### 1.3 - Elaboração e efeitos de Werther

Em suas memórias, Goethe (1986) escreve sua autobiografia e confirma sua inclinação para a produção artística como saída para apaziguar a angústia que o acometia: “transformar em quadros, em poemas, todos os motivos de minhas alegrias, dores, preocupações e estabelecer a ordem dentro de mim mesmo, seja para retificar as ideias [...], seja para fazer meu espírito voltar ao repouso no tocante a essas coisas” (GOETHE, 1986a, p. 222). Foi assim que buscou socorro inúmeras vezes na poesia, inclusive quando sofria por conta de suas paixões. Com o sofrimento gerado por conta da perda de uma paixão, Goethe conforme “seu velho hábito”, prossegue em sua “confissão poética de costume, para merecer, com essa expiação voluntária, a absolvição de [sua] consciência” (p.398). As duas peças de Goethe que hoje são situadas entre as primeiras obras do movimento *Sturm und Drang* – *Gotz von Berlichingen* e *Clavigo* – apresentam personagens que teriam sido gerados por conta da “dor cruel” provocada pelo seu arrependimento por ter se separado de Frederica, por quem era apaixonado (GOETHE, 1986b, p. 398).

Com *Os sofrimentos do jovem Werther* não foi diferente. Ao falar sobre a escolha do tema de Werther, Goethe atribui a si um gênio protetor que lhe teria levado a retratar um passado recente e ousadamente publicá-lo no momento oportuno (GOETHE, 1986b, p. 441). Após separar-se de Frederica, Goethe se apaixona por Charlotte von Stein, noiva de Kestner. O que tirou Goethe de “tão doce sofrimento” (GOETHE, 1986b, p. 412) foi uma viagem para encontro de um

professor com quem discutiria assuntos literários, evitando presenciar o casamento de Charlotte.

O desfecho trágico de Werther foi inspirado no suicídio de Jerusalém, rapaz jovem, rico, “irrepreensível”, com o qual Goethe não possuía estreitas relações. Ele ouviu a narração pormenorizada da morte do rapaz, resultado de sua paixão pela esposa de um amigo. Tomou-a como o plano do Werther, o conjunto da obra agora estava completo. Goethe fala que o suicídio de Jerusalem arrancou-o do seu sonho, fazendo-o abrir os olhos para o que havia acontecido a ele e ao rapaz (GOETHE, 1986b, p. 443). Mergulhado em uma agitação violenta, enclausurou-se por quatro semanas e reunindo tudo que se relacionasse ao seu propósito e aquilo de que ainda não havia feito nenhum uso poético, escreveu Werther em quatro semanas, sem ter esboçado qualquer plano para obra ou suas partes.

Sobre a forma epistolar da trama, Goethe diz que esta tem bastante afinidade com a forma dramática, que geralmente requer mais tempo para adquirir composição mais sofisticada. A escolha pela narração através de cartas foi dada pela tendência que o autor tinha para transformar o monólogo em diálogo. Quando sozinho em suas meditações, Goethe (1986b, p. 437) imaginava “conversas ideais” com algum conhecido e foi assim que optou por “pintar esse tédio à vida que os homens experimentam sem ser pressionado pela necessidade” em Werther, expor seus sentimentos através de cartas, imaginando que o amigo a quem lhe destina é alguém de sua confiança, mas que ao mesmo tempo faria o papel desse interlocutor imaginário. Através da escrita não se encontra nenhum contraditor direto e se as cartas de Werther tiveram tanto atrativo, supõe Goethe, foi por causa de seu fundo multiforme, elaborado por essas conversas imaginárias com numerosas pessoas e que na obra aparecem dirigidas a um só confidente (GOETHE, 1986b, p. 436-437).

O efeito do livro foi grande e Goethe (1986b, p. 441) afirma que o público não acolheu intelectualmente sua obra, tudo o que se considerou foi o fundo e o tema. Em uma mocidade que já estava com o sangue fervendo nas veias e possuía uma imaginação facilmente avassalada, a fantasia do suicídio enquanto via de libertação se insinuava entre os jovens (GOETHE, 1986b, p. 441). Assim, Werther criou disposições nos leitores completamente diferentes daquelas produzidas no autor:

eu me libertara de um elemento tempestuoso sobre o qual fora agitado com extrema violência pela minha culpa e pelas alheias, pela vida que me coubera em sorte e por aquela que tinha escolhido para

mim, pela vontade e pela precipitação, pela obstinação e pela condescendência. Como depois de uma confissão geral, eu me sentia de novo na posse de minha liberdade e minha alegria, e com direito de começar uma vida nova. Ainda dessa vez a velha receita não falhara. Mas, assim como eu me sentia aliviado e esclarecido porque transformara a realidade em poesia, meus amigos caíram no erro de pensar que se devia transformar poesia em realidade, imitar o romance e, sendo necessário, dar um tiro nos miolos. O que se passou inicialmente num pequeno círculo aconteceu depois entre o grande público, e esse livrinho que me prestara tão grande serviço foi atacado como extremamente pernicioso. (GOETHE, 1986b, p. 443-444)

Segundo Backes (1996), autor do prefácio da edição comentada do romance publicada em 1996 pela L&M PM, “não foram poucos os suicídios atribuídos ao romance. O bispo Lorde Bristol, chegou a acusar Werther de ser “uma obra imoral que levava os jovens a se suicidarem” (BACKES, p. 10, 1996). Embora nunca tenha sido comprovado o impacto suicida que o romance gerou na sociedade, a suposta onda de suicídios decorrentes da leitura da obra recebeu o nome de “Efeito de Werther” e recentemente teria sido tema de pesquisas científicas (ALMEIDA, 2000, p. 37). Em suas *Memórias*, Goethe (1986b, p. 444) assinala que a explosão violenta que se produziu no público foi decorrente de uma atmosfera que já vigorava: “a própria mocidade já havia minado a si mesma, e a comoção geral foi grande porque cada um dava livre curso às suas pretensões exageradas, às suas paixões insatisfeitas e aos seus sofrimentos imaginários”.

#### **1.4 - O declínio do movimento e a retomada dos ideais clássicos**

Segundo Kohlschmidt (1967, p. 263), nem “o estilo genial” nem a febre de Werther iriam perdurar. Havia um conflito entre ideia e realidade, fazendo com que os autores se tornassem repetitivos ou improdutivos, pouco a pouco, “até conciliarem-se com a burguesia que combatiam” (KOHLSCHMIDT, 1967, p.263). O movimento foi produzido pelo temperamento juvenil dos autores, por isso era marcado pela “expressão da paixão e o descomedimento da imaturidade” (KOHLSCHMIDT, 1967, p. 263). Com o envelhecimento de seus representantes, era de esperar que surgissem novas concepções de vida e de estilo artístico (KOHLSCHMIDT, 1967, p. 263).

Com o declínio do *Sturm und Drang*, Goethe e Schiller tomam rumos diversos “procurando superar os arroubos anárquicos da fase juvenil, através de uma disciplina severa, sob a inspiração da arte grega” (ROSENFELD, 1993, p. 147).

Surge o classicismo alemão proclamando ideais de formação e cultivação da personalidade sem adotar a revolta contra a civilização. Se na concepção dos jovens “gênios” o homem estaria fadado a “definhar no cárcere do mundo” (ROSENFELD, 1993, p. 73) por causa da incompatibilidade de seus impulsos e aspirações e as exigências da civilização - conflito que para esses autores só seria solucionado pela morte -, influenciados pela filosofia idealista<sup>9</sup> da época, o homem procurará a conciliação e o reconhecimento da lei moral que deveria prevalecer (ROSENFELD, 1993, p. 71-73). O movimento classicista alemão pode ser entendido como uma “disciplinação dos violentos impulsos românticos que, depois de se manifestarem na fase do Sturm und Drang, são dominados ou superados na maturidade” (ROSENFELD, 1993, p. 230).

Com a maturidade dos autores e influenciados pela filosofia idealista, surge o romance de formação: a proposta é renunciar ao constrangimento imposto pela sociedade e integrar-se nela. Na obra *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*<sup>10</sup>, Goethe apresenta o ideal clássico que norteia a formação da personalidade: ela se integra à sociedade aceitando suas limitações e convenções impostas, “evidente superação do anarquismo pré-romântico” (ROSENFELD, 1993, p. 73).

A produção de *Os sofrimentos do jovem Werther*, nesse contexto, é entendida como a expressão de seu tempo e indicação do fim de um ciclo (MOURA, 2010).

Segundo Rosenfeld

É [...] com o romance *Die Leiden des jungen Werther* (Os padecimentos do Jovem Werther, 1774) que a fama de Goethe se tornou universal. Nesta obra epistolar narra a “história de um coração apaixonado”, exprimindo de um modo exemplar a dor de mundo de toda uma geração de jovens. Werther sente-se aniquilado por uma realidade que lhe sufoca os anseios de plenitude vital. A obra é profundamente contaminada pela *Empfindsamkeit*<sup>11</sup>. Mais que as mágoas amorosas, o que destrói o jovem é o subjetivismo exacerbado, nutrido pelo pietismo; é o voluptuoso sentimentalismo que encontra satisfação no gozo da própria dor e acaba minando a relação entre este Eu mórbido e o mundo real. (ROSENFELD, 1993, p.68)

<sup>9</sup> Segundo Rosenfeld (1993, p. 231), “no classicismo já se notam os inícios do imenso surto filosófico idealista que, pelos fins do século XVIII e início do próximo, iria tornar a Alemanha centro universal do pensamento, através de Kant, Fichte, Schelling e Hegel”.

<sup>10</sup> Esta obra de Goethe é considerada o primeiro livro do gênero literário *Bildungsroman* - romance de formação. Nela o autor trabalha a questão da formação do indivíduo e o contexto social concreto no qual ele se insere.

<sup>11</sup> Sentimentalismo.

A partir da caracterização e das reflexões sobre o *Sturm und Drang*, relacionando-o à elaboração e aos efeitos de Werther, pudemos inferir o lugar desta obra no movimento: maior expressão da atmosfera literária melancólica em que foi produzida. Pretendemos no próximo capítulo abordar a questão da melancolia para a psiquiatria e para a psicanálise, de Pinel a Lacan. Diferentemente da literatura, no campo psiquiátrico e na clínica psicanalítica o conceito se afasta do ideal de gênio e se caracteriza por uma série de sintomas e fenômenos que diriam respeito a uma patologia grave, algumas vezes caracteriza por impulsos destrutivos que levariam a atos como suicídio e homicídio<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Cf. próximo capítulo.



## 2. MELANCOLIA EM PSIQUIATRIA E PSICANÁLISE: DA SINTOMATOLOGIA AO DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL

No capítulo anterior indicamos que para os escritores do *Sturm und Drang*, com a história de Werther, Goethe transmitiu de maneira primorosa a dor de mundo que marcou uma geração de jovens, provocada não só pelos desencontros amorosos, mas também pelo sentimento de pequenez diante da natureza e pela reivindicação de uma autenticidade livre de quaisquer influências, ideais que lançavam os escritores à satisfação no gozo da própria dor. A Weltschmerz característica do movimento nos remete às reflexões de Lacan sobre a “dor de existir”, sintagma que ele situa, segundo Vieira (1997), em um novo campo discursivo, afastando-o de toda conotação existencialista que lhe é dada, pois o que está em jogo para o psicanalista é o descarte de toda essência, incluindo a essência do ser (VIEIRA, 1997, p. 335). O termo *ek-sistência* usado por Heidegger também não caberia por ser remetido à abertura do ser, campo simbólico por excelência; a existência da qual nos fala Lacan, que depois ele substituirá pelo termo *ex-sistência*, remete-nos a um ponto relacionado ao real que antecede o ser (VIEIRA, 1997, p.337). Recortamos aqui a definição de Lacan para o termo

o sujeito introduzido a algo que é da ordem da existência, tomando a existência como “não sendo outra coisa que o fato de que o sujeito a partir do momento em que se coloca no significante não pode mais destruir-se, que ele entra neste encadeamento intolerável, que para ele se desenrola imediatamente no imaginário, que faz com que ele já não possa mais conceber-se senão como jorrando sempre existência. Isto não é construção de filósofo, pude constatá-lo naqueles a quem se chama os “pacientes”. (LACAN, 1958-59/2002, p. 105)

Para situar melhor esta questão, remetemo-nos às pontuações de Vieira sobre um sonho comentado por Lacan, e que ele nomeou “sonho do pai morto” (Vieira, 1997, p.335), que, resumidamente, pode ser descrito da seguinte maneira: um pai que morreu aparece ao seu filho e age como se estivesse ainda vivo, sem saber que morreu. Vieira (1997) destaca que a análise desse sonho se desdobra ao longo do *Seminário 6* marcando que foi a partir dele que Lacan situou o desejo introduzindo uma oposição entre ele e a dor de existir. O sujeito se depara com essa dor intolerável após esgotar, sob todas as formas, “a vida do desejo quando ele não tem mais nada a proferir a não ser o *me funai* [melhor não ser, não ter existido]” (VIEIRA, 1997, p.336). Essa expressão, *me funai*, assinalaria um ponto em que o sujeito “se

desprende das últimas amarras significantes que o sustentavam e se depara com o termo último de sua existência” (VIEIRA, 1997, p. 336), acontecimento paradoxal, já que a chegada do “limiar do real” se faz pela via do desejo (VIEIRA, 1997, p. 336).

Através destas reflexões, entendemos que a dor de existir pode ser situada em oposição ao desejo, na medida em que ela se desvela quando a função paterna, no nível do significante, não opera recalçando a dor “intolerável que a existência reduzida a si mesma, esta existência para além de tudo o que pode sustentá-la, esta existência sustentada na abolição precisamente do desejo” provoca (LACAN, 1958-59/2002, p.111). Retomando o sonho do pai morto, Vieira afirma que “a morte do pai faz vacilar o simbólico e deixa o sujeito frente às portas abertas do real” (VIEIRA, 1997, p. 336).

Segundo Viera (1997) o recalque é o responsável pela ignorância sobre esse ponto de real que quando atrelado à castração opera repelindo esta dor para que não seja sabida. Essa ignorância é “absolutamente necessária e [...] consiste em não saber que é melhor não ter nascido” (VIERA, 1997, p. 336). O efeito dessa operação significativa do recalque sobre essa dor que não pode ser subjetivada lhe possibilita a edificação de um enquadre imaginário e faz com que ela seja vivida sob a forma de tristeza (VIEIRA, 1997, p. 337). Em outras palavras, essa operação faz com que a pura e insuportável existência, que mais tarde Lacan chamará de estúpida e inefável existência, torne-se algo reconhecível (VIEIRA, 1997, p. 337). Lacan trabalhou essa noção de maneira progressiva a partir da conceituação da noção de gozo<sup>13</sup>, que é “a legítima herdeira da dor de existir” (VIEIRA, 1997, p. 337-338).

Sob o prisma da psicanálise, parece-nos que a personagem de Goethe que tomamos em análise nesse trabalho está às voltas com essa dor e, com o desenrolar de sua história, fica cada vez mais evidente sua convicção de que não há outro meio para apaziguá-la que não seja pela morte. Para a psicanálise, por sua vez, a dor de existir está colocada para qualquer ser humano, entretanto, se é pela via do desejo que pode haver uma oposição a essa dor intolerável, os melancólicos vivenciaram-na em seu estado mais puro, pois não teriam a inscrição simbólica necessária para torná-la reconhecível pela forma de tristeza. Com isso, para

---

<sup>13</sup> Conceito elaborado por Lacan que diz respeito à satisfação paradoxal que articula prazer e dor.

pensarmos as dores do jovem Werther pelo viés psicanalítico, precisamos antes estabelecer os parâmetros clínicos que configuram a melancolia.

Melancolia é um termo que aparece em diferentes campos de saberes, dentre eles, o campo psiquiátrico e psicanalítico. Concernente ao primeiro, notamos seu desaparecimento nas classificações diagnósticas atuais, fato que “é bastante emblemático do tempo e do tipo de psiquiatria que vivemos, interessada em afirmar um vocabulário imune às imprecisões inerentes à interseção com a cultura e em excluir a subjetividade” (TENÓRIO et al., 2014, p. 470). Tentando tamponar o vazio estrutural do sujeito com remédios e categorias, o campo médico que se dedica ao tratamento dos “distúrbios mentais” pauta-se no ideal de uma “língua sem equívocos” para fechar diagnósticos, aposta que implica a “superficialização da psicopatologia” (Banzato, 2011, p. 1 apud TENÓRIO et al., 2014, p.470). Posto isto, entendemos que a concepção de melancolia na teorização psicanalítica da psicose pode ser crucial para a direção de tratamento dos pacientes considerados melancólicos, já que a psiquiatria teve sua “estrutura discursiva e categorial [...] radicalmente empobrecida” desde o lançamento dos últimos manuais lançados (TENÓRIO et al., 2014, p. 480).

Partindo dessas reflexões, apresentaremos algumas formas de abordagem do termo melancolia desde Hipócrates, passando pela história da psiquiatria até abordarmos sua problematização dos manuais diagnósticos e classificatórios utilizados atualmente pelos psiquiatras. Em seguida, tomaremos como foco o trabalho de Freud que partindo das categorizações elaboradas no campo psiquiátrico, instaura um rompimento com elas ao criar, com a teoria psicanalítica, outra concepção de melancolia, situando sua problemática no campo do conflito psíquico e não da teoria humoral. Com a releitura de Freud por Lacan (1962-63/2005) indicaremos por quais vias a melancolia se encaixa na estrutura psicótica tal como estes autores a teorizaram.

## 2.1 – Melancolia e teoria humoral em Hipócrates e Aristóteles

No século V a.C. surge na Ilha de Cós, na Grécia, sob a inspiração de *Hipócrates* uma escola médica<sup>14</sup>, que se tornará paradigma de todos os médicos. A escola hipocrática tem como efeito a separação entre medicina, religião e magia oferecendo os pilares da medicina racional e científica (REBOLLO, 2006 p. 49). A coleção de 72 tratados, dentre eles os livros que tratam da ética médica, foram publicados no *Corpus Hippocraticum*<sup>15</sup> (REZENDE, 2009, p. 31-32). Esses textos foram utilizados como material de ensino e orientação prática e teórica, numa época em que a literatura científica começou a substituir o ensino oral (REBOLLO, 2006, p. 49). A medicina era ensinada e praticada ao mesmo tempo e sua transmissão era feita nas próprias famílias, apenas à linhagem masculina (REBOLLO, 2006, p. 49).

A respeito dos distúrbios mentais, Hipócrates e seus discípulos os explicavam como resultado de um desarranjo entre quatro humores básicos do corpo: o sangue, a linfa, a bile amarela e a bile negra, sendo correspondente a cada um deles um temperamento diferente: sanguíneo, fleugmático, colérico e melancólico, respectivamente (SCLIAR, 2003, p.69). Hipócrates caracterizou o temperamento melancólico pela “perda do amor pela vida, uma situação na qual a pessoa aspira à morte como se fosse uma benção” (SCLIAR, 2003, p.69).

Aristóteles chamou de melancolia a característica natural proveniente da bílis negra que acometeria “todos os homens que foram excepcionais (perittoí) [...] no que concerne à filosofia, à política, à poesia ou às artes” (ARISTÓTELES, problema XXX, 1). No texto *Problema XXX*, além de relacionar a melancolia à genialidade, Aristóteles afirma que os heróis – Platão, Empédocles e Sócrates – parecem sofrer desse *pathos* que surge do desarranjo natural de uma determinada mistura no corpo para alguns, enquanto outros teriam sua natureza visivelmente inclinada a essa enfermidade. Aristóteles chega a fazer um paralelo entre melancolia e as mudanças causadas pela embriaguez através do vinho – alguns ficam desmedidos e depois maníacos, outros relaxados e embotados – e explica a partir das mudanças no humor melancólico, o suicídio.

<sup>14</sup> No final do século V e primórdios do século IV a.C., o significante “escola” remetia a um centro localizado em uma cidade ou a um mestre que fornecia ensinamentos aos seus filhos e discípulos (REBOLLO, 2006, p.49).

<sup>15</sup> Coletânea de documentos dos quais destacamos *O Juramento*, proferido até hoje por todos aqueles que se tornam médicos e exercem a profissão (REZENDE, 2009, p. 31-42).

Pois, se por um lado, a velhice extingue o calor, por outro, o pathos, que é natural, é também o próprio calor extinto. Pois aqueles em que se apaga subitamente (exaíphnes)<sup>16</sup>, a maior parte se mata, de modo a espantarem-se todos, por não se dar um sinal prévio. Então, a mistura oriunda da bílis negra tornada mais fria, como se disse, produz atimias de todo tipo. [...] Mas ocorre de [o calor] se apagar subitamente, devido a causas exteriores, como [o que ocorre] contra a natureza com [as coisas] inflamadas, por exemplo, quando se verte água sobre o carvão [ardente]. Por isso alguns se matam ao sair da embriaguez: pois o aquecimento oriundo do vinho é trazido de fora; quando [ele] é apagado, sobrevém o pathos. (ARISTOTELES, Problema XXX 1)

As ideias de Hipócrates e Aristóteles repercutiriam na medicina e foram tão significativas que deixaram a teoria humoral praticamente intocada por 14 séculos (SCLIAR, 2003, p.78). Ora a melancolia era atribuída a um desarranjo fisiológico, ora era considerada parte da “natureza” dos homens. Essa última hipótese etiológica nos aproxima de uma hipótese que coloca no campo subjetivo a tendência melancólica. No campo psiquiátrico também não há consenso para o emprego do termo. Ao longo da história da psiquiatria<sup>17</sup> notamos que diferentes descrições e classificações foram associadas à melancolia. Inaugurada por Pinel, a clínica psiquiátrica tradicional é herdeira das explicações e caracterizações dos quadros melancólicos elaborados pelos filósofos.

## 2.2 - Melancolia na história da psiquiatria

Nas concepções filosóficas apresentadas, o uso do termo melancolia esteve relacionado a questões referentes à afetividade e aos humores. No campo do saber psiquiátrico há discussões sobre o emprego do termo, mas este conserva sua relação com os problemas relacionados aos afetos, embora atualmente esteja em desuso, já que foi alocado como subcategoria de quadros depressivos. Encontramos um delineamento das diferentes classificações e descrições da melancolia em *Os fundamentos da clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico*, obra em que Bercherie (1989) discorre sobre o desenvolvimento da clínica psiquiátrica até as bases encontradas pela psicanálise no primeiro terço do século XX. Dividido em

<sup>16</sup> A tradutora do texto assinala a grande quantidade de palavras que aparecem ao longo do texto iniciadas pela preposição ek (ékstasis, ékphysis, eklúei, ékchysis, exécho, ekdzéseis, éktopoi, exaíphnes) que significaria fora, para fora. Parece, como comenta Thamer (1997), uma certa insistência semântica que indicaria que o *pathos* decorrente da melancolia tem sempre implicado no nome que o denomina a idéia de fora, de movimento para fora. (THAMER, 1997).

<sup>17</sup> Estamos usando como base para essa afirmativa a obra de Bercherie publicada em 1989 *Os fundamentos da clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico*.

quatro seções, sua obra inicia-se com a apresentação da psiquiatria clínica e segue com os fundamentos da nosologia clássica. Na seção seguinte trata da clínica das doenças mentais durante a psiquiatria clássica e finaliza com a apresentação de discussões sobre a psiquiatria moderna, marcada pelo psicodinamismo. Apresentaremos aqui os pontos relevantes que tangenciam e modificam as classificações nosológicas da melancolia ao longo dos 130 anos de história investigados por Bercherie e as diferentes caracterizações oferecidas por aqueles que se debruçaram sobre ela.

A clínica tradicional como “método sistemático e consciente de si mesmo” surge com o psiquiatra Pinel no século XVIII, com o objetivo de observar empiricamente os fenômenos da realidade (BERCHERIE, 1989, p. 23). Dentre as causas da loucura, Pinel ora as atribui à hereditariedade ora às causas morais: “paixões intensas e muito contrariadas ou prolongadas” e “os excessos de todos os tipos, as irregularidades dos costumes e dos hábitos de vida” (BERCHERIE, 1989, p. 39). Concernente à questão da melancolia, Pinel não acrescentou nada à descrição dos antigos e retoma o “tema hipocrático (melancolia = bile negra)”, atribuindo a alienação mental às causas morais, que agiam nos órgãos desestabilizando a “economia” do organismo (BERCHERIE, 1989, p.39).

Em seguida, Bercherie (1989) aborda o trabalho do psiquiatra francês Esquirol que levou adiante a análise e a distinção entre as síndromes psicopatológicas e deixou como legado para as gerações posteriores seu aprofundamento clínico (BERCHERIE, 1989, p. 48). Criou a classe de monomanias incluindo neste grupo as afecções mentais que afetavam a mente parcialmente, dentre elas a mania e a melancolia. Tentando estabelecer uma distinção entre melancolia e mania, propôs o termo lipemania para designar a primeira que diria respeito às formas baseadas numa paixão triste ou depressiva. Às formas baseadas numa paixão alegre e expansiva, Esquirol as denominou de “monomania”. Referente às formas curáveis, Esquirol propunha a cura por influências morais, fazendo com que a teoria do tratamento fosse deslizando cada vez mais para uma teoria somática (BERCHERIE, 1989, p.55).

Ainda concernente à psiquiatria clínica, temos o trabalho dos psiquiatras Guislain e Griesinger: o primeiro fez progredir a diferenciação nosológica no que concerne à melancolia ao separar “pela primeira vez uma classe de psicoses

delirantes que, mais tarde, os alemães chamariam de paranóia, e que ele distinguiu dos distúrbios afetivos de tipo maníaco e melancólico” (BERCHERIE, 1989, p. 71-72) e os considerava fenômenos e não entidades clínicas; Griesinger foi responsável por tomar a melancolia como “dor moral”, sendo o primeiro organicista a enfatizá-la. Este psiquiatra fez uma extensa descrição do quadro clínico, incluindo tristeza, delírio, sintomas físicos, dano à saúde e hipocondria e contrastou as formas primárias com poucas lesões, onde a perturbação afetiva era o fator essencial e as dividiu em depressiva e expansiva (BERCHERIE, 1989, p. 76), além de associar a melancolia à depressão ou às tendências de destruição (suicídio, assassinato, impulsos destrutivos).

Muitos alienistas<sup>18</sup> já haviam assinalado a frequência com que os “distúrbios mentais” eram encontrados em gerações sucessivas. Exemplos que corroboram essa hipótese seriam os casos em que famílias inteiras tinham propensão ao suicídio ao longo de várias gerações (BERCHERIE, 1989, p.99). A explicação para isso viria “desde o nascimento” em que esses sujeitos já eram considerados bizarros, anormais e difíceis e que tal condição poderia ser transmitida hereditariamente.

Na terceira parte de sua obra, o autor trata das ideias que começaram a interferir nas concepções psiquiátricas clássicas alterando-as desde o final do século XIX até 1910. Provenientes da psicologia dinâmica e da fenomenologia, essas ideias construíram a maior parte das noções e entidades nosológicas que vigoram até hoje (BERCHERIE, 1989, p. 134). Destacamos neste trabalho as reflexões sobre a escola de Illenau, que representou a corrente dominante durante esse período e a atuação e produção de Emil Kraepelin, publicada pela primeira vez em 1883.

A seção dedicada à escola de Illenau é baseada no Tratado de Krafft-Ebing<sup>19</sup>, que baseia suas classificações em uma série de dicotomias. Interessa-nos a classificação das psiconeuroses que se desenvolviam em indivíduos cujas funções cerebrais tinham sido normais até o desencadeamento da doença, variando sua etiologia entre causas físicas ou morais. A melancolia era um dos transtornos assim

---

<sup>18</sup> Morel, Baylle, Pinel e Esquirol foram alguns dos psiquiatras que aventaram a possibilidade da hereditariedade ser o fator determinante central na causa da loucura.

<sup>19</sup> Krafft-Ebing psiquiatra que publicou diversos estudos na área psiquiátrica, recebeu destaque pelo lançamento do seu texto *Psychopatia Sexualis*, no qual apresenta investigações sobre o campo das perversões utilizando termos como sadismo, masoquismo e fetichismo, conceitos que se tornariam referência para outros estudiosos do campo, incluindo Freud (PEREIRA, 2009).

classificados, caracterizada pela inibição das funções psíquicas. De evolução típica, o quadro tinha tendências à periodicidade ou ao polimorfismo e terminavam na cura ou num “estado secundário de enfraquecimento” (BERCHERIE, 1989, p. 141).

Em 1883, o psiquiatra Emil Kraepelin lançou o *Compêndio de Psiquiatria*, pequeno manual que foi publicado pela primeira vez com 380 páginas e passou por várias edições durante trinta anos até virar um tratado de duas mil e quinhentas páginas em sua oitava e última edição. Da primeira à sexta edição, melancolia/estado depressivo e mania passaram por diversas formulações e foram caracterizadas de diferentes maneiras: melancolia simples, delirante, agitada, com estupor, manifestação de estado depressivo, melancolia de involução; a mania era considerada um estado de excitação. Ambas foram classificadas como psicose periódica, circular, loucura periódica, doenças mentais constitucionais, psiconeuroses – até serem classificadas como psicose maníaco-depressiva. Na sétima edição publicada em 1904 inicia-se a revisão das concepções de Kraepelin em decorrência do surgimento da corrente psicodinâmica alemã em 1900 contra suas concepções clássicas e, em particular, contra a noção de “entidade mórbida”<sup>20</sup>. Os estados psicopáticos degenerativos passaram a ser denominados de “estados patológicos originários” e se dividiam entre a depressão e a excitação constitucionais, sendo que os “deprimidos constitucionais apresentavam num fundo permanente de tristeza e pessimismo uma tendência à dúvida, à falta de confiança em si, à ansiedade e à culpa, além da propensão para os distúrbios “nervosos” e para a emotividade” (BERCHERIE, 1989, p.252). Foi nesta edição de seus tratados que Kraepelin inseriu a melancolia no rol das psicoses maníaco-depressivas

*A loucura maníaco-depressiva reunia em torno dos estados maníacos e depressivos todos os estados agudos (“psiconeuroses”) não-confusionais que não constituíam estados sindrômicos da demência precoce. Na verdade, Kraepelin recusou a existência da mania ou da melancolia simples, com base na argumentação de que sempre se observavam recidivas, mais cedo ou mais tarde, e de que um exame mais cuidadoso revelava a existência de fases depressivas ou expansivas de intensidade fraca ao longo de toda a vida do doente; por outro lado, o ataque era sempre bipolar, embora as variações alternadas fossem, às vezes, suficientemente rápidas para passar*

---

<sup>20</sup> Foram duas bases reativas principais contra as concepções clássicas de Kraepelin, uma pautada nos ensinamentos de Moebius e a segunda constituída em Zurique em torno de Bleuler a Jung. Em 1906 foi lançado o livro de Jung sobre a demência precoce e o de Bleuler sobre a paranóia. Influenciados por Freud, esses dois autores pautam suas teorias na importância da afetividade na regulação, na direção ou na perturbação da vida psíquica e do pensamento (BERCHERIE, 1989, p.226).



despercebidas; por fim, a aparência clínica era sempre idêntica, quer se tratasse de loucura circular, intermitente ou de ataques isolados. A melancolia de involução deveu sua autonomia (provisória, pois em 1913 Kraepelin decidiria incluí-la na maníaco-depressiva) à ausência de episódios de excitação em seu curso ou em seu término, ou de algum antecedente depressivo ou excitativo. (BERCHERIE, 1989, p. 171)

Ao juntar as formas fundamentais unipolares e os estados mistos, Kraepelin tomou como ponto de partida três distúrbios fundamentais para ocorrência dos ataques maníaco-depressivos: “distúrbio do humor (emotividade), da ideação e da vontade (psicomotores); por exemplo, depressão do humor, lentificação ideativa e inibição psicomotora (depressão pura), ou então exaltação do humor, fuga de idéias e excitação psicomotora (mania pura)” (BERCHERIE, 1989, p. 171). Assim, novamente a melancolia aparece relacionada à depressão, seja pelo humor, seja pela inibição psicomotora<sup>21</sup>. Na oitava e última edição do Tratado (1909-1913), Kraepelin modifica as classificações nosológicas influenciado pelas críticas e contribuições da psiquiatria de sua época e passa a considerar os desencadeamentos da loucura maníaco-depressiva como processos independentes das influências externas, relacionando-os com a depressão e a excitação consideradas constitucionais (BERCHERIE, 1989, p. 253-254).

No começo do século XIX, Séglas trabalhou extensamente as questões referentes à melancolia a partir de seu conjunto clínico-evolutivo. Destacamos sua descrição de 1892 do delírio sistemático primário de auto-acusação, caracterizado pela indecisão e pela falta de ideal causada por um desequilíbrio inato, o que geraria um sentimento de impotência e humilhação. Bercherie (1989) chama atenção para os delírios na melancolia, em que o sujeito apresentaria um estado depressivo e resignado e teme para as pessoas ao seu redor a infelicidade que o acomete. Daí adviriam os suicídios coletivos visando salvar a família e as pessoas a seu redor.

Ao abordar o panorama histórico da psiquiatria moderna (era psicodinâmica), Bercherie (1989) assinala que para os psiquiatras dessa época a constituição emocional estava relacionada a diversos estados patológicos, inclusive nos casos de

---

<sup>21</sup> Foi Kraepelin quem descreveu as relações entre as crises maníacas e melancólicas e criou o conceito de estado misto em que as passagens de um a outro estado configuram um processo só. Kraepelin então engloba todas as formas de psicoses relacionadas aos dois quadros – psicose intermitente, circular, periódica, de dupla forma e alternada – em uma enfermidade fundamental, chamada loucura maníaco-depressiva, considerando-a uma psicose constitucional. A única classificação não incluída nesse quadro patológico foi a “melancolia involutiva”, permanecendo uma enfermidade independente (BIRMAN, 2010, p. 349).

psiconeurose de angústia, descrita inicialmente por Freud em 1895. Neste quadro apareceria uma gama de sintomas de patologias emotivas, cuja base etiológica era atribuída à ansiedade ou a diversos distúrbios mentais (BERCHERIE, 1989, p. 213).

Freud marca um rompimento com as concepções psiquiátricas vigentes sobre melancolia e oferece contribuições preciosas para o tratamento de pacientes ao apontar para a singularidade de cada caso, diminuindo o destaque dado ao diagnóstico descritivo. A recepção de suas ideias foi muito boa nos Estados Unidos. Com as cinco conferências ministradas em 1909 na Clark University, em Massachussets, aumentou-se o interesse de pesquisadores pela psicanálise, influenciando a elaboração das classificações do primeiro Manual de Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM) lançado em 1948 pela Associação Psiquiátrica Americana (APA) (BURKLE, 2009, p. 35).

Os DSMs I e II apresentaram uma abordagem psicodinâmica dos transtornos mentais utilizando termos psicanalíticos, como neurose, na caracterização da maior parte das perturbações (BURKLE, 2009, p. 38-40). Outra característica desses manuais foi a inclusão das supostas causas dos distúrbios, como podemos verificar na seguinte descrição sobre a neurose depressiva

Este distúrbio é manifesto por uma reação depressiva excessiva, causada por um conflito interno ou por um evento identificável, tal como a perda de um objeto amado. Deve ser diferenciado da melancolia involutiva e da doença maníaca depressiva. Depressões reativas e reações depressivas devem ser classificadas aqui. (APA, 1968, apud BURKLE, 2009, p.40)

A terceira edição do manual lançada em 1980 dá uma guinada e define grandes diferenças em relação aos critérios classificatórios anteriores, apresentando descrições biológicas e estritamente sintomáticas dos distúrbios, excluindo a suposta etiologia que os teria provocado. Interessante notar que a mudança na forma de reconhecer os distúrbios acompanha o surgimento da indústria de psicofármacos a partir década de 40: em 1949 foi descoberto o uso de lítio para o tratamento da mania, em 1958 surgem os primeiros antidepressivos. Com a criação da clorpromazina em 1952 ocorre a substituição das formas até então utilizadas no tratamento de transtornos psiquiátricos como contenção mecânica, intervenção cirúrgica etc. Em 1987 a fluoxetina é aprovada para tratamento da depressão. Com o tempo, todavia, esta medicação aumenta seu espectro de tratamento e passa a

ser prescrita também para casos de bulimia, ansiedade, transtorno obsessivo compulsivo e vários outros sintomas psiquiátricos (BURKLE, 2009, p.43-45). De acordo com Burkle (2009, p. 66), neste manual o termo neurose ficou bastante limitado e a categoria 300.4 – neurose depressiva desdobrou-se em outras classificações que ressaltam o caráter depressivo do quadro: 296.22 – depressão maior, primeiro episódio sem melancolia; 296.32 – depressão maior recorrente, sem melancolia; 300.40 – transtorno distímico e 309.00 – transtorno adaptativo com ânimo depressivo.

Nos manuais lançados posteriormente, a mesma linha biologizante classificatória dos transtornos mentais foi seguida. Quintella (2010) indicou que nos manuais atuais a melancolia é situada como subcategoria do diagnóstico de depressão, caracterizando-se como uma manifestação clínica desse quadro. Os sintomas depressivos aparecem na caracterização de quase todas as outras psicopatologias, o que confunde e torna difícil um diagnóstico diferencial. De acordo com o autor, a distribuição nosográfica que aparece nos últimos manuais foi baseada em pesquisas neuroquímicas, embora não haja um pressuposto fisiopatológico que sustente uma relação hipotética entre os quadros depressivos e desarranjos neuroquímicos (QUINTELLA, 2010, p.83).

Juruena et al. (2011) fizeram um levantamento de artigos sobre estudos latino-americanos a respeito da melancolia e concluíram que esta seria uma síndrome com características bastante específicas com marcadores de testes laboratoriais e diferentemente sensível às intervenções terapêuticas específicas, portanto, uma psicopatologia e psiconeuroendocrinologia própria que deveria ser considerada nos manuais como um transtorno de humor identificável distinto (JURUENA et al., 2011, p. s38). Na perspectiva desses autores, portanto, a melancolia seria considerada um transtorno psiquiátrico estrutural e não episódico. Outros psiquiatras consideram que os melancólicos formam um grupo de pacientes com quadro mais homogêneo que responde melhor a tratamentos medicamentosos, sendo sua principal causa determinante os fatores genéticos (DEL PORTO, 1999, p. s17).

Neste momento de nossa pesquisa, optamos por não nos deter às diferenciações entre os manuais e classificações para o diagnóstico de melancolia, apenas expor o trajeto da psiquiatria em sua árdua tarefa de observar, classificar,

mensurar, reclassificar e enquadrar os sintomas dos chamados quadros melancólicos. Destacamos que a influência da caracterização psicodinâmica dos transtornos foi gradativamente desaparecendo e o tratamento e classificação das patologias se aproximaram cada vez mais do campo fisiológico, quantitativo, genético, científico. As consequências desse movimento são manuais com categorizações confusas, em que as descrições são privilegiadas ao invés de serem delimitadas a partir daquilo que as diferenciariam. Mais do que isso, tais diagnósticos não oferecem um norteador para um cuidado que atente para a singularidade dos casos. Atualmente o campo psiquiátrico dedica-se na maior parte das vezes ao silenciamento de sintomas com a utilização de fármacos. Foi a partir de Freud que se iniciou um trabalho clínico diferente daquele desempenhado pela psiquiatria clássica. Orlando Coser (2003, p. 106) assinala que Freud inicia seus estudos partindo dos mesmos grupos categoriais que a psiquiatria do fim do século XIX e começo do século XX, no entanto, inova ao estabelecer novos elementos e conceitos, bem como novas formulações e entendimentos a respeito das categorias nosológicas da psiquiatria.

### **2.3 - As elaborações de Freud sobre luto e melancolia**

O principal texto em que Freud se debruça sobre as questões referentes à melancolia foi publicado em 1917, mas o pai da psicanálise já havia se dedicado ao assunto desde seus primeiros escritos que datam do final do século XIX. Apesar de falar na melancolia tal como foi descrita por Kraepelin, o termo para Freud englobaria outros aspectos clínicos além daqueles já descritos, “incluindo também um campo de padecimento maior, mais vasto” (COSER, 2003, p. 107).

Uma de suas primeiras elaborações a respeito do termo aparece em uma carta a Fliess na qual ele abordou os mecanismos que interagiriam em cada uma das neuroses e na melancolia. Segundo Freud (1894a/1992), enquanto nos casos da histeria de conversão ocorreriam transformações de afetos, nas obsessões aconteceria deslocamento deste. Na neurose de angústia e melancolia haveria troca de afeto, estas seriam aproximadas por um sintoma em comum, anestesia sexual e se diferenciariam em sua etiologia: enquanto o disparador da melancolia seria a tensão sexual psíquica acumulada, na neurose de angústia aconteceria uma tensão sexual física.

Em um de seus primeiros rascunhos, Freud (1895/1992) faz importantes constatações a respeito do quadro, como a relação entre a perda e o luto e afirma que “O afeto que corresponde à melancolia é o luto, ou seja, a nostalgia de algo perdido. Portanto, na melancolia, deve se tratar de uma perda, perda na vida pulsional” (FREUD, 1985/1992, p. 240).<sup>22</sup> A partir desse fundamento, Freud faz uma analogia entre a perda pulsional e uma hemorragia libidinal. Situando a perda do melancólico na esfera psíquica, Freud infere que “la melancolia consistiría en el duelo por la pérdida de la libido” (FREUD, 1895/1992, p. 240)<sup>23</sup>. Dentre os sintomas que caracterizam o quadro, Freud destaca a inibição psíquica decorrente do empobrecimento pulsional e o intenso sofrimento que o acompanha (FREUD, 1895/1992, p. 240). A inibição melancólica é comparada a uma retração em direção à esfera psíquica, uma ação inibidora análoga às situações em que se sente dor (FREUD, 1895/1992, p. 258). Outro sintoma, não só indicador do transtorno, mas também da predisposição a esse, seria a anestesia sexual. O empobrecimento pulsional da melancolia não se apresenta da mesma forma que o empobrecimento nos casos de neurastenia: no primeiro caso é como se a libido escapasse por um buraco na esfera psíquica, enquanto nos neurastênicos o que escapa é a excitação sexual somática. Freud alerta para a possibilidade desses dois quadros se manifestarem de forma muito semelhante, criando uma certa dificuldade na diferenciação entre eles (FREUD, 1895/1992, p.246). Em outras palavras, ele indica que não é pela via do sintoma que se estabelece um diagnóstico que oriente a direção de um tratamento. Longe de ser um mero detalhe, esse apontamento tem implicações importantes para a clínica.

Em *Luto e melancolia* (1915/1996), um dos artigos que precede a virada teórica em sua obra, Freud define o luto como uma reação normal à perda de um objeto amado, seja um parente, uma abstração como a liberdade, um ideal. O luto patológico característico da melancolia geralmente seria desencadeado após uma perda, mas nesses casos o melancólico já teria uma certa predisposição a este estado (FREUD, 1915/1996, p. 249). Com essa afirmação, Freud aproxima a problemática da melancolia à estrutura psíquica e não ao sintoma. Na melancolia

---

<sup>22</sup> Tradução nossa do seguinte trecho: “El afecto correspondiente a la melancolía es el del duelo, o sea, la añoranza de algo perdido. Por tanto, acaso se trate en la melancolía de una pérdida, producida dentro de la vida pulsional” (FREUD, 1985/1992, p. 240).

<sup>23</sup> “A melancolia consistiria em um luto por perda da libido”, tradução nossa.

não se consegue ver claramente o que foi perdido e se supõe que o paciente também não consegue perceber o que perdeu, mesmo que esteja cômico da perda que deu origem à melancolia, ele “sabe quem ele perdeu, mas não o que perdeu nesse alguém” (FREUD, 1915/1916, p. 249).

A diminuição da auto-estima é marcante nesses casos: enquanto no luto é o mundo que se torna pobre e vazio, na melancolia é o próprio eu que se torna empobrecido. Outros sintomas distintivos da melancolia seriam “a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade e a diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição” (FREUD, 1915/1996, p. 250).

Ao cotejar a patologia com o trabalho de luto, Freud conclui que esses pacientes sofreram uma perda relativa a um objeto, mas eles apontam para uma perda relativa ao eu. Enquanto no luto normal a libido seria deslocada para outro objeto após a perda daquele em que estava investida, na melancolia, a libido livre retornaria ao eu produzindo a identificação deste com o objeto perdido

a sombra do objeto caiu sobre o eu, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado. Dessa forma, uma perda objetual se transformou numa perda do eu, e o conflito entre o eu e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do eu e o eu enquanto alterado pela identificação. (FREUD, 1915/1996, p. 254-255)

Com suas elaborações sobre o narcisismo, Freud (1914) inicia uma revisão em sua teoria concernente à dicotomia das pulsões e começa a desenvolver a hipótese de existência no aparelho psíquico de uma instância crítica responsável pelo julgamento do eu, o supereu/ideal do eu<sup>24</sup>. Um ano depois ele escreve *Luto e Melancolia* indicando que é o retorno do investimento libidinal que faz o eu se identificar com o objeto e dirigir os impulsos agressivos a si. A consequência dessa identificação do eu com o objeto abandonado é destacada pelo julgamento do eu como se ele fosse um objeto, a saber: o objeto abandonado (FREUD, 1915/1996, p. 257). O supereu seria a instância responsável pelo auto-envilecimento do melancólico e o rebaixamento de sua auto-estima. O retorno libidinal e a identificação que ele ocasiona é o que articula a tendência suicida à melancolia.

---

<sup>24</sup> Freud parece não estabelecer diferenças entre o ideal do eu x supereu, equiparando-os em suas funções.

Freud afirma que em duas situações opostas – na paixão extrema e no suicídio – o eu é “sobrepujado pelo objeto” (FREUD, 1915/1996, p. 259). Diante das auto-acusações e da culpa assumida pelo melancólico, Freud reafirma a hipótese de que existe uma instância no aparelho psíquico que se contrapõe a uma parte do eu e a avalia de forma crítica como um objeto.

Para abandonar um objeto amado, mesmo sendo uma perda abstrata, inicia-se um luto que “coloca em jogo a dimensão narcísica do laço a ser rompido” (BERNARDES, 2005, p.145). De acordo com Freud (1923/2007), “quando algum objeto precisa ser abandonado, geralmente ocorre uma modificação no eu, que pode ser descrita de modo análogo à melancolia, isto é, o objeto é erigido dentro do eu” (FREUD, 1923/2007, p. 40). Freud supõe que a introjeção do objeto na melancolia é um processo comum a qualquer rompimento de laço amoroso, entendendo-o como um recurso que o eu utiliza para facilitar ou possibilitar sua separação do objeto. A partir disso Freud conclui que o eu é uma fachada constituída por “um precipitado destes investimentos recolhidos dos objetos dos quais ele desistiu” (FREUD, 1923/2007, p. 40). A especificidade da melancolia seria o resultado dessa identificação que divide o eu, promovendo “a divisão do sujeito contra si mesmo e os paradoxos de uma satisfação auto-destrutiva” (FREUD, 1923/2007, p.143).

No que diz respeito à agressividade que retorna após a perda do objeto amado, esta situação é propícia para que a ambivalência nas relações amorosas se manifeste. Se o amor pelo objeto retorna à identificação narcísica, assinala Freud, então o ódio também entra em ação no objeto substitutivo, “dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento” (FREUD, 1915/1996, p. 256-257). A incidência do supereu na melancolia é observada quando o paciente se representa como desprovido de valor, desprezível, esperando ser expulso e punido; Freud denominou esse quadro como um delírio de inferioridade que se desdobra em insônia, recusa a se alimentar e “por uma separação da pulsão que compele todo ser vivo a se apegar à vida” (FREUD, 1915/1996, p. 251-252).

Ao formular o conceito de supereu como uma das instâncias que está em jogo na dinâmica de funcionamento do aparelho psíquico, Freud (1924a/2007, p. 98) reconhece o embaraço daquele em suas relações com o *Es* e o mundo externo, visto que o supereu concilia diversas dependências do eu e serve como um modelo

para todos os seus anseios e esforços do eu. Freud inaugurou uma nova categoria nosológica ao indicar que a melancolia corresponde às psiconeuroses narcísicas diferenciando-as da neurose de transferência – correspondente a um conflito entre o eu e o *Es* – e das psicoses, afecções que colocam em jogo um conflito entre o eu e o mundo externo (FREUD, 1924a/2007, p. 99):

[...] diferentemente do que tem sido feito até hoje, deveríamos em todos os tipos de adoecimento psíquico, sempre levar em conta o comportamento do supereu. Assim, poderíamos, por exemplo, postular a existência de uma categoria de afecções que tem por base um conflito entre o eu e o supereu. Aliás, a análise nos indica que, um bom exemplo para essa categoria, que propomos designar “psiconeuroses narcísicas” seria a melancolia. Temos, portanto, boas razões para diferenciar estados psíquicos, como por exemplo, a melancolia, de outras psicoses. (FREUD, 1924a/2007, p. 97-98)

Conforme indicado pelos artigos de Freud a respeito da melancolia e do luto, a identificação ao objeto está colocada tanto pra melancolia quanto pra neurose. A identificação do eu ao objeto indica que o supereu incide sobre o eu com suas injunções em ambos os casos e, segundo Freud, sua severidade vem assumir a forma de “consciência moral ou talvez de sentimento de culpa inconsciente” (Freud, 1923/2007, p. 45). A origem desse sentimento de culpa seria uma relação amorosa abandonada e Freud o descreve da seguinte maneira:

ele se baseia na tensão entre o eu e o ideal de eu. Ele é a expressão de uma condenação moral ao eu promovida pela sua instância crítica. Provavelmente, os sentimentos de inferioridade que conhecemos nos neuróticos também pertencem a esse gênero de tensão. O sentimento de culpa também é consciente nos casos de afecções que nos são bastante familiares, a neurose obsessiva e a melancolia. Nelas, o ideal de eu se comporta de modo muito severo e se enfurece contra o eu, por vezes, de forma até cruel, todavia, apesar das semelhanças encontradas entre a neurose obsessiva e a melancolia, há diferenças relevantes no que tange ao comportamento do ideal de eu<sup>25</sup>. (FREUD, 1923/2007, p. 58)

Uma das diferenças a que se refere Freud entre melancolia e neurose obsessiva seria a dimensão inflada do supereu nos melancólicos que trata o eu como se tivesse se apoderado da consciência atacando-o com extrema dureza, sem que o eu objete ou contraponha-se às acusações. Ao contrário, reconhece-se culpado e submete-se às punições. O neurótico obsessivo, diferente do melancólico, não aceita a culpa e dirige parte de sua agressividade para objetos fora de si.

---

<sup>25</sup> Conforme já indicamos anteriormente, há uma ambiguidade no uso do termo ideal do eu/supereu na obra de Freud. Neste trecho, apesar de ser empregado “ideal do eu”, supomos que ele está se referindo ao supereu.



Nestes casos em que o supereu estaria inflado, Freud diz que predominaria “uma pura cultura da pulsão de morte” (FREUD, 1923/2007, p.58-60).

#### 2.4 – A melancolia em Lacan

Ao longo de seu ensino, Lacan não se debruçou muitas vezes sobre a problemática da melancolia, mas fez diversas referências esparsas a ela ao longo de suas aulas. Para este trabalho, recortamos algumas pontuações suas do *Seminário 10, A angústia*<sup>26</sup>. Em apenas duas páginas, Lacan faz indicações importantes para pensarmos a relação do sujeito com o objeto na melancolia.

Reportando-se ao processo de constituição subjetiva, Lacan comenta que o Outro é uma função que se impõe dado o desamparo do *infans* ao nascer. Neste processo, com a incidência da demanda do Outro, algo se destaca e pode ser articulado; trata-se da constituição do *a* em relação à função do Outro como lugar da cadeia significante. O *a* se configura, portanto, como um resto irreduzível à simbolização no lugar do Outro, ainda que o sujeito dependa desse Outro para se constituir. Este resto singular da existência tal como esta se impõe, “é o princípio que me faz desejar, que me torna desejoso de uma falta – falta que não é uma falta do sujeito, mas uma carência imposta ao gozo situado no nível do Outro” (LACAN, 1962-63/2005, p. 359).

Como decorrência, quando o sujeito se depara com uma perda, com um rombo no real nas palavras de Lacan (1958-59/2002), é necessário que haja um trabalho de luto para que o objeto perdido possa ser substituído. Esse trabalho tem por função

restabelecer a ligação com o verdadeiro objeto da relação, o objeto mascarado, o objeto *a*, para o qual, posteriormente, será possível dar um substituto, que afinal não terá mais importância do que aquele que ocupou inicialmente seu lugar. (LACAN, 1962-63/2005, p. 363)

Esse processo comporta o problema de manter, no nível escópico, a ligação que prende o desejo, não ao objeto *a*, mas à *i(a)*, “pela qual todo amor é narcisicamente estruturado”, na medida em que esse termo refere-se à dimensão

---

<sup>26</sup> Vieira (1997) assinala que a ligação entre melancolia e mania feita por Lacan em *Televisão* indica que nesses casos se trata não de insistir na via do desejo até seu limite, como vimos no começo do capítulo, mas de um rechaço do inconsciente. O autor destaca que se trata de uma nova perspectiva para designar a forclusão que responsabilizaria o psicótico por não dispor de um pai solícito que restaura a via do desejo, mas sim de um “Deus copulador, incessantemente prestes a gozar” (VIEIRA, 1997, p. 339).

idealizada (LACAN, 1962-63/2005, p. 364). Destacados esses pontos referentes ao trabalho de luto, podemos agora discorrer sobre o que acontece na melancolia.

Lacan retoma a passagem de Freud em *Luto e Melancolia* (1915/2007) na qual este indica que, no luto, face à perda, opera-se a reversão da libido para o próprio eu; enquanto na melancolia, o objeto triunfa (LACAN, 1962-63/2005, p. 364). Para situar a diferença das duas posições, luto e melancolia, frente à perda é preciso, portanto, distinguir o objeto *a* de *i(a)*. Na melancolia, a dialética se constrói de maneira totalmente diferente do luto, pois não há esse mecanismo de retorno da libido operado no luto. Trata-se de um objeto *a* que se encontra habitualmente mascarado por trás do *i(a)* do narcisismo, desconhecido em sua essência, o que exige que o melancólico “atravesse sua própria imagem e primeiro a ataque, para poder atingir, lá dentro, o objeto *a* que o transcende, cujo mandamento lhe escapa – e cuja queda o arrasta para a precipitação suicida” (LACAN, 1962-63/2005, p. 364). Lacan chama atenção para o fato de que muitas vezes o suicídio melancólico é pela defenestração, o que não é à toa, pois indica que é “um recurso a uma estrutura que não é outra senão a da fantasia” (LACAN, 1962-63/2005, p. 364).

Com esses comentários, distingue-se o que é próprio do ciclo mania-melancolia de tudo o que caracteriza o ciclo que se faz no jogo entre luto e desejo. É possível apreender essa distinção acentuando a diferença entre a relação de *a* com *i(a)* no luto e, no outro ciclo, a referência radical ao *a*, “mais arraigada para o sujeito que qualquer outra relação, mas também intrinsecamente desconhecida, alienada, na relação narcísica” (LACAN, 1962-63/2005, p. 264). Neste seminário, Lacan encerra a discussão indicando que, na mania, o que está em causa é a não-função do *a*, não é seu desconhecimento. O sujeito fica entregue ao deslizar incessante da cadeia significativa, metonímia pura por não ter o objeto destacado para se lastrear.

## **2.5 - Por que tomar a psicanálise pela obra de Goethe?**

Com a exposição das elaborações sobre a melancolia pela psiquiatria, notamos que o conceito se afastou daquela concepção presente na filosofia antiga que apontava para a disposição às artes, mas manteve sua ligação com a teoria humoral de Aristóteles, cujas descrições serviram de base para discussões sobre o tema durante vários séculos. Atualmente, a melancolia aparece diluída entre os transtornos de humor caracterizados por quadros depressivos, o que é bastante

indicativo da forte desorientação para estabelecer um tratamento para esses casos (TENÓRIO et al., 2014, p. 480).

Não era do interesse e cremos que não seria possível dentro dos limites deste trabalho, dedicamo-nos à aprofundada diferenciação entre categorias diagnósticas: depressão, psicose maníaco-depressiva, melancolia. A partir da exposição acima podemos concluir que, apesar de séculos de esforço, os psiquiatras não puderam contribuir efetivamente com alguma clareza diagnóstica a respeito da melancolia. Atualmente encontramos categorias diagnósticas para quaisquer desvios comportamentais e medicações para uso excessivamente abrangente que prometem a melhora dos sintomas. Para alguns casos, determinadas medicações podem ser de extrema importância, entretanto, os tratamentos que se definem apenas por esses procedimentos correm o risco de apagar o sujeito e as possibilidades de inventar ou criar a partir de seu sofrimento. Silenciar o sintoma diz respeito muito mais à tentativa de enquadramento do comportamento do sujeito às normas sociais, seja por transgredi-las, por estar aquém da produtividade exigida em tempos contemporâneos, seja pelo mal-estar gerado por não responder aos imperativos que exigem constante felicidade.

Os impasses que fizeram Freud lançar um novo olhar sobre a melancolia apontam para as dificuldades de estabelecer um diagnóstico definitivo até mesmo pelo viés da psicanálise. Não há saber que possa dizer tudo sobre um sujeito. Outras formas de tratamento deveriam ser pensadas e se não é possível equiparar sujeito e doença, Freud propõe uma escuta diferenciada aos pacientes, escuta que se faz para além da sintomatologia e das queixas apresentadas por eles. O psicanalista elabora um diagnóstico que orienta o tratamento, mas não o define. Se a psiquiatria tenta a partir de seus manuais elencar sintomas para formular um diagnóstico fechado, livre de equívocos, com a psicanálise ele se lastreia na escuta do paciente na relação transferencial.

A contribuição da psicanálise tal como foi vista nos primeiros manuais influenciados pelo seu advento refere-se à forma como Freud deslocou para o psíquico as causas de adoecimento. Assim quando discorreremos sobre melancolia pelo viés psicanalítico estamos nos propondo a problematizar a relação do sujeito com o traumático, com a dor de existir, com a perda e com o adoecimento decorrentes deste quadro, reportando-nos a algo estrutural e não a um sintoma.

As questões que se delineiam a partir dessas reflexões sobre o tema dizem respeito à inserção da personagem Werther no movimento melancólico *Sturm und Drang*. Em suas cartas, a personagem oferece aos leitores a expressão de seu intenso sofrimento diante dos desencontros gerados pelas responsabilidades de uma vida “adulta”. Frente à impossibilidade de um romance e à queda de suas idealizações, Werther se situa em uma problemática relação com o vazio, vazio que aponta para um trabalho de luto do qual o personagem se esquiva ao suicidar-se. O que podemos pensar, sob o prisma em que a psicanálise coloca a melancolia, a respeito dos sofrimentos do jovem Werther? Apesar de se tratar de uma construção literária, pensamos que a leitura psicanalítica da obra poderá render importantes reflexões sobre o tema.

### 3. CONTRIBUIÇÕES DO JOVEM WERTHER À PSICANÁLISE

O nome do movimento literário em que se insere a obra escolhida para discussão nesse trabalho vem do romance de Friedrich Maximilian Klingler – *Sturm und Drang*, caracterizado por ser um “drama sem um minuto de trégua” (ALBERTI, 2009, p. 32). Apesar de a nomeação ter vindo dessa obra, ela não é considerada a mais expressiva do período, tampouco marca seu início. *Götz von Berlichingen* de Goethe é o texto que inaugurou o movimento e *Die Leiden des jungen Werther* marca seu fechamento. Este romance foi escrito por Goethe em 1774, na época em que a Alemanha ainda se dividia em principados e estava constantemente envolvida em ataques militares. Os estados alemães eram coligados e formavam o Sacro-Império Romano-Germânico da Nação Alemã, a unificação só ocorreria muito tempo depois, em 1871. Os ataques da França ao país foram um dentre os fatores responsáveis por estimular a resistência à dominação Francesa, o nacionalismo, o patriotismo e a preservação da cultura popular alemã (KESTLER, 2010). A literatura tomava por referência os cânones franceses e a obra de Shakespeare. Não havia um sentimento de unidade nacional e os próprios escritores alemães serviam-se de muitas palavras estrangeiras em suas obras limitadas ao registro de guerras, fábulas, provérbios, leis, mitologia, muitas vezes em cânticos (ALBERTI, 1996, p. 54). Goethe foi um dos escritores que inventou novas palavras germânicas na produção de suas obras.

Outro autor de grande importância para o movimento e que influenciou a escolha de Goethe pela literatura, foi Herder. Este autor criou um mito de que nação, família e sujeito se desenvolvem em compasso com a linguagem, isto é, primeiro aprende-se os sons de sílabas, depois a criança se torna jovem e nesse momento a língua torna-se o poético. O pensamento de Herder faz jus às propostas do movimento e reflete os impasses enfrentados por uma juventude destituída de seus antigos ideais provenientes do Outro, juventude que desperta com um impasse de que “quanto mais amplas as regras e a abstração da língua, mais poderosa ele (ela) se torna, porém mais perde a verdadeira poesia”, como diz o autor (HERDER, 1987 apud ALBERTI, 1996, p. 54). A teoria de Herder compara o uso da linguagem com diferentes momentos da história humana e aponta um estágio que existiria entre a infância e a fase adulta da língua, associando esse movimento de transição à

juventude, momento em que o autor afirma que “o sofrimento não se amarra” (ALBERTI, 1996, p. 54-55). Alberti (1996, p. 55) cita uma frase de um dos autores do movimento que teria dito que “é no fato de o jovem ser obrigado ao silêncio que suas potencialidades se vão” e a associa à elaboração de Freud que diz que o jovem corre muitos riscos por não conseguir expressar o que lhe ocorre. Herder, os artistas e escritores e o movimento destacam a importância da linguagem como forma de trazer à tona discussões, antecipando a noção de Lacan de que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”; é assim que a importância dos embaraços da juventude vai ganhando novo estatuto (ALBERTI, 1996, p. 54-55).

Alberti (1996, p. 52) ao abordar o referido movimento literário em seu livro sobre os impasses do sujeito adolescente, toma-o como um movimento que além de ser uma reação contra o Iluminismo que imperava na Alemanha, também serviu como uma “escansão arrebatadora” à *Weltanschauung*<sup>27</sup> que dura mais de 200 anos. Retomando os termos que nomeiam o movimento –*Sturm und Drang*– a autora lembra que Freud utiliza os mesmos significantes para formalizar a teoria pulsional. Contra a tempestade (*Sturm*), Freud propõe trilhamentos que teriam “a função de barrar a pressão das águas, o “*Andrang der Gewässer*”, que seriam como amarrações das pulsões: “Os recalques se comportam como diques contra a pressão das águas [*Die Verdrängungen benehmen sich wie Dämme gegen den Andrang der Gewässer*]” (FREUD, 1937 apud ALBERTI, 1996, p. 54). O *Drang* antes de ser uma das características da pulsão em 1915, aparece em Freud como “força represada” (ALBERTI, 2009, p. 52). O movimento do *Sturm und Drang* lançou as bases para as questões do jovem e permitiram que anos mais tarde a ciência se debruçasse sobre elas e criasse conceitos a partir de seus desdobramentos (ALBERTI, 1996, p. 59).

A publicação de Werther é considerada uma ruptura na literatura alemã por esta não ter até o momento de sua publicação nenhuma obra marcante no campo do romance. Foi com ela que Goethe inaugurou a criação da prosa moderna na Alemanha (BACKES, 2006, p.7). Goethe, que reconhece no drama uma obra “confessional”<sup>28</sup>, misturou elementos do contexto político em que vivia<sup>29</sup> e escreveu a

<sup>27</sup> *Weltanschauung*: visão de mundo. Cf. pons.eu.

<sup>28</sup> Cf. as citações de Goethe no primeiro capítulo sobre a função da obra pra si.

<sup>29</sup> Werther é um jovem que não se identifica com os ideais da sociedade burguesa e é rapidamente barrado quando tenta participar das conversas e bailes da alta sociedade, fato que o leva a ser

tragédia do personagem Werther adicionando os elementos da história de sua paixão por Charlotte Buff - noiva de Kestner - e a história de Jerusalem, um rapaz que, segundo o noivo de Charlotte, teria se suicidado por causa dos sofrimentos gerados por um amor não correspondido.

Mesmo depois de publicar o livro, que não agradou muito ao marido de Charlotte, Goethe permaneceu trocando correspondências com o casal. Após a leitura da obra, Kestner escreve suas impressões sobre ela em uma carta destinada a um terceiro, afirmando reconhecer traços de sua personalidade e da esposa em Albert e Lotte e que também reconhece Goethe em Werther, mas somente na primeira parte da história. Já na segunda parte, Goethe teria caracterizado os personagens conforme a história que escutou sobre Jerusalem, afirma Kestner. A primeira parte do livro termina com a partida sofrida de Werther, exatamente como Goethe teria feito quando se afastou de Lotte: “Depois de alguns meses ele passou a compreender que para o seu sossego, necessitaria fazer uso da violência. Num momento em que estava determinado a respeito, viajou sem se despedir, depois de ter tentado em vão fugir algumas vezes” (GOETHE, 2006, p. 195), conta Kestner em outra carta. A segunda parte do romance é construída a partir da história de Karl Wilhelm Jerusalem, que teve o mesmo fim do Werther de Goethe. Segundo o tradutor da obra<sup>30</sup>, “Werther, que era Goethe, incorporou Jerusalem, para morrer como este e deixar o autor – também em transe de paixão – vivo” (BACKES, 2006, p. 10).

As produções artísticas como uma “solução possível para os conflitos colocados pelos impasses inerentes à condição humana” (FALBO, 2012, p. 116) colocam questões tanto para o campo das artes quanto para a psicanálise. Diversas produções artísticas foram abordadas por Freud e posteriormente por Lacan em vários momentos da edificação da teoria psicanalítica. Para a psicanálise, o artista consegue com a obra de arte dar tratamento para seu gozo. Nota-se que o problema do gozo em relação à obra de arte precisa ser observado a partir de duas vertentes

---

chacota entre as pessoas da cidade. Não era considerado um plebeu, mas também não se encaixava na camada nobre da sociedade.

<sup>30</sup> Não somente o tradutor da obra de Goethe utilizada nesta dissertação, como também psicanalistas e estudiosos de literatura alemã, costumam fazer essa afirmação a respeito da função da obra para o autor. No capítulo I nos referimos algumas vezes a trechos da obra auto-biográfica de Goethe, *Dichtung und Wahrheit*, em que ele fala sobre a função que a escrita de Werther teve para ele.

distintas, a saber, a função subjetiva para quem cria e os efeitos de satisfação desta que o público experiencia (FALBO, 2012, p. 112).

Embora neste trabalho não tenhamos focado nas discussões em torno das articulações entre a obra e o autor, tampouco nos efeitos que as obras de arte provocam no público, cabe assinalar que não passaram despercebidas as inúmeras coincidências entre os elementos que estruturam a trama literária em Werther e a vida e história de Goethe<sup>31</sup>, nem os efeitos que essa obra teve em sua recepção: uma onda de suicídios que chegou a ser nomeada como “efeito Werther”, fenômeno ao qual a ciência tratou de tentar dar sua significação. Sobre a relação entre a obra e o público, de acordo com Freud, este encontraria satisfação na obra pelo enigmático dom do artista para dar tratamento às fantasias, tornando possível ao primeiro “dar vazão a seus desejos não realizados” (FALBO, 2012, p. 113).

No artigo em que trabalha a questão do desejo e da escrita na juventude de Gide, Lacan (1958/1999) oferece algumas indicações importantes a respeito do trabalho com a obra do artista. A vida privada de Gide narrada em seus diários dos 20 aos 26 anos seria tudo aquilo que o autor não publica do que lhe diz respeito e, ainda de acordo com Lacan, aquele que tem em suas mãos as condições literárias em que a obra foi produzida tem “o poder de controlar a seu critério a intromissão, na obra literária, da vida privada do escritor” (LACAN, 1958/1999, p. 751). Em outras palavras, o que temos, então, é uma construção da fantasia daquele que comenta a obra. Relembrando que a obra de Proust é uma das mais evidentes em que o poeta utiliza material de sua vida para escrever sua mensagem, Lacan assinala que a operação que a mensagem constitui (e não propriamente o seu conteúdo), reduz os dados da vida do escritor a seu emprego como material, mesmo quando a mensagem pretende articular a experiência que ofereceu esses dados (LACAN, 1958/1999, p. 752). Nota-se, portanto, que Lacan sustenta de modo decisivo a distância entre a obra e seus efeitos sobre o público da biografia do autor.

Assim, concordamos com Lacan, tal como indicado no texto escrito em homenagem à M. Duras, quando ele diz que seria burrice “atribuir a técnica

---

<sup>31</sup> Encontramos coincidências nas histórias das personagens, em seus nomes e até mesmo na data de aniversário atribuída a Werther, que é a mesma de Goethe e de Kestner, o noivo de Charlotte Buff. Na obra alemã o nome do interlocutor de Werther é Wilhelm, sobrenome do rapaz que se suicidou e que Goethe pegou de empréstimo o mesmo destino para seu personagem. Curiosamente, são inúmeras as passagens ao longo da obra em que Werther se refere ao seu amigo interlocutor como alguém que se identifica com o sofrimento que ele sente.



declarada de um autor a uma neurose qualquer – grosseria, e de demonstrá-lo pela adoção explícita dos mecanismos que dela compõem o edifício inconsciente” (LACAN, 1964/2003, p. 200). Nesse artigo, o psicanalista destaca que seria muita prepotência por parte de certa psicanálise querer fazer esse tipo de inferência e nos lembra que, ainda em relação à obra de Duras, “a única vantagem que um psicanalista tem o direito de tirar de sua posição, sendo-lhe esta reconhecida como tal, é a de se lembrar, com Freud, que em sua matéria o artista sempre o precede e, portanto, ele não tem que bancar o psicólogo quando o artista lhe desbrava o caminho” (LACAN, 1964/2003, p. 200). Lacan encerra o artigo lembrando que Marguerite Duras revela saber sem ele aquilo que ele ensina.

Atentos às indicações do autor sobre os cuidados para não utilizar a biografia do artista como material para avaliação de seu trabalho literário, ratificamos a proposta desse capítulo ao abordar a referência de Lacan ao uso que faz da trama de Shakespeare em Hamlet

O herói, se me seguem, é estritamente idêntico às palavras do texto. Temos, pois, que nos persuadir que o modo como uma obra nos toca da maneira mais profunda, isto é, no plano do inconsciente, está correlacionado ao seu arranjo, à sua composição [...]. O efeito Hamlet sobre nós não é devido à presença de algo que sustentaria realmente em face de nós um inconsciente. Não temos relação com o inconsciente do poeta, mesmo se alguns traços desconcertados da sua obra, elementos de lapsos, elementos simbólicos desapercibidos dele próprio, testemunham a sua presença. (LACAN, 1959/1989, p. 44)

Por fim, lembremos a referência à obra de Goethe, em que Lacan diz que “há tão pouca oposição entre essa *Dichtung e Wahrheit* em sua nudez, que o próprio fato da operação poética deve deter-nos, antes, neste traço que se esquece em toda verdade: que ela se revela numa estrutura de ficção” (LACAN, 1964/2003, p. 752). Para a escrita desse capítulo, portanto, “só importa, com efeito, uma verdade que provenha daquilo que, em seu desvelamento, a mensagem condense” (LACAN, 1964/2003, p. 752). De acordo com as referências que elencamos do ensino de Lacan, portanto, é controvertido ler a obra do artista a partir de sua vida, embora Freud e Lacan tenham, de algum modo, feito uso de tais relações para edificar pontos importantes da teoria psicanalítica – como, por exemplo, quando Lacan faz uso das obras de Joyce para formalização de sua teoria sobre os enodamentos, fazendo algumas alusões ao poeta e à sua vida. A produção de Werther com

material da vida de Goethe e a função que teve para que ele escapasse do suicídio, contudo, é relatada pelo próprio autor em sua obra autobiográfica, donde inferimos que há um trabalho subjetivo dele através de sua produção literária, questão importante, mas que preferimos deixar para outro momento de nossa pesquisa.

Iniciamos as reflexões desse capítulo selecionando algumas passagens da obra de Goethe em torno das quais desdobraremos as questões referentes à adolescência pelo viés psicanalítico. A opção por esse caminho se fez a partir da orientação sugerida pelo próprio título da obra “*os sofrimentos do jovem*”. Entendemos que o “os sofrimentos” aos quais o título alude relaciona-se ao trabalho de luto a ser realizado durante o adolescer. Embora a idade do personagem não tenha sido revelada em nenhum momento da história, podemos inferi-la a partir de algumas referências apontadas além do título. O *Sturm und Drang* é um movimento juvenil e o romance foi escrito em 1774, quando Goethe tinha 25 anos, sendo a primeira carta de Werther datada de 1771. No romance recolhemos referências à primavera, entendida como metáfora recortada pela psicanálise, para o período em que o jovem desperta dos sonhos e fantasias ao se deparar com o real impossível de simbolizar. Este (des)encontro que muitas vezes tem por efeito as crises na adolescência<sup>32</sup>, pode ser situado no romance em pelo menos três momentos: primeiro quando Werther parte de casa; em seguida, no seu primeiro encontro com Lotte, marcado pela declamação de um poema chamado *Festa da Primavera* e no terceiro quando Werther após várias frustrações deixa a cidade onde vivia para passar as férias com um príncipe. Inferimos, deste modo, que Werther deve ter por volta dos 23 anos e, ainda que seja alguns anos mais velho, nos parece que seus conflitos podem ser lidos a partir de alguns impasses que se colocam para os sujeitos na passagem necessária que concerne ao adolescer<sup>33</sup>. Destacamos ainda que, o trabalho de luto a ser realizado pelo jovem, conforme os estudos realizados por autores como Lacadée e Alberti, pode complicar e levar o sujeito ao suicídio, independente de sua estrutura psíquica corresponder à estrutura melancólica.

<sup>32</sup> Abordaremos adiante a questão do despertar na juventude.

<sup>33</sup> Entendemos que não há uma faixa etária em que se enquadre a juventude, pois para a psicanálise os processos de subjetivação ocorrem por uma marcação temporal lógica, diferente da concepção desenvolvimentista cronológica da psicologia. Mesmo a Organização Panamericana de Saúde e a Organização Mundial de Saúde já apreenderam que a juventude é “afetada pelo contexto no qual os jovens estão inseridos” (SILVA et al., 2011, p. 664) e devem levar em conta que “esse segmento constitui identidades e singularidades de acordo com a realidade de cada um” (SILVA et al., 2011, p. 663).

Este desfecho trágico na vida de certos jovens não passou despercebido pelos psicanalistas. E, em 1910, pautando-se no debate sobre os inúmeros suicídios entre jovens secundaristas, Freud afirmou que para compreendermos o que leva alguém a se matar, deveríamos nos debruçar sobre as questões colocadas pela melancolia. Com as reflexões desenvolvidas sobre o trabalho de luto na adolescência e de seus impasses será, portanto, possível retomar a discussão do capítulo anterior sobre as dificuldades no processo de luto e na melancolia a partir da tragédia de Werther. Pretendemos trabalhar com as passagens em que Werther escreve sobre os impasses que o angustiaram ao sair da casa de sua mãe e a escrita sobre seu sofrimento decorrente da impossibilidade do romance com Lotte.

### **3.1 – Puberdade, adolescência e juventude: transição e separação da autoridade dos pais**

As questões que surgem no período da juventude geralmente são tomadas pelo viés desenvolvimentista da psicologia que fundamenta seu discurso nos fenômenos que irrompem no corpo para demarcar o rompimento com essa identificação ao lugar da criança. Dessa perspectiva, o aparecimento dos caracteres sexuais secundários é fator considerado marcante do começo da puberdade/adolescência, fase em que a criança passaria por mudanças que a direcionaria a uma suposta maturidade corporal e psíquica para que ela, aos poucos, desenvolva autonomia de seus pais e viva harmonicamente com seus semelhantes. Tal fase é considerada problemática por ser marcada pelas famigeradas crises de identidade, pela destituição e questionamento do saber de pais, professores, autoridades levando os jovens muitas vezes a passar ao ato: suicídios, fugas de casa, uso de drogas... O jovem se depara com o sentimento de vazio decorrente da queda das idealizações característica desse período e cada um à sua maneira tenta lidar com isso. Neste processo, são comuns a muitos jovens, as identificações com traços de figuras públicas como artistas ou cantores que passam a se constituir como ídolos que ditam as formas como se vestir, cortes de cabelo, ou seja, as maneiras como o sujeito pode fazer com aquilo com que ele não sabe mais lidar como fazia em seus tempos de criança. O começo da juventude na história do sujeito é geralmente localizável pela irrupção da puberdade, termo que para muitos autores designa somente as mudanças fisiológicas em detrimento das psíquicas. No

senso comum, o uso do termo adolescência nos remete ao jovem que não é mais criança, mas não chegou a ser adulto e que traz consigo questões que geralmente causam problemas em casa ou nas instituições e círculos sociais que frequenta.

A primeira questão que se coloca é tentar situar para a psicanálise que uso se faz quando utilizamos os termos puberdade e adolescência. Para isso nos valem da pesquisa de Arlete Garcia (1999) sobre a etimologia dos referidos significantes. O termo *púbere* de onde é derivada a palavra puberdade, é proveniente do significante latino *puber* (que atingiu a adolescência) que, por sua vez é derivado de *púbes*. Sendo *pubis* um termo que designa o pelo que cobre a região do baixo ventre. Esta região é nomeada pelo que a vela, os pêlos. Através do exame das ressonâncias do termo conclui-se, portanto, que o significante puberdade remete à sexualidade “enquanto aquilo que é enigmático, velado” (GARCIA, 1999, p.87). Tomando por referência as notações de Lacan no prefácio à obra de Wedekind, *O despertar da Primavera*, Garcia (1999) indica que interessa à psicanálise a questão da puberdade pelo fato das mudanças fisiológicas implicadas nessa fase velarem o que é da ordem da sexualidade colocando o sujeito frente ao enigma sobre o que é o feminino e o masculino no nível psíquico.

Já o significante “adolescência” veio do latim *adolescens*, que é participio presente de *adolescere* e significa crescer. O termo aparece no século XV para designar o jovem homem inexperiente. Adulto vem também do latim, *adultus*, que é o participio passado de *adolescere* (crescido) (GARCIA, 1999, p. 86). A palavra adulto ganha a linguagem corrente no início do século XIX e só no século XX que o termo comporta alguma referência à sexualidade, quando sofre influência do anglo-americano *adult* que quer dizer erótico, pornográfico (GARCIA, 1999, p. 86-87). As palavras adolescente e adulto possuem o mesmo radical, o que não se verifica com os termos adolescente e puberdade; isto indica, conforme Garcia (1999, p. 87), que a necessidade de supor uma maturidade psíquica surge com a modernidade, já que pela etimologia dos termos notamos que a nomeação faz referência a um tempo de mudança e não a uma maturidade acabada.

É de fato no século XIX que à adolescência é atribuída a significação de fase crítica e emergem os “métodos educativos, e mesmo policiaescos, para que [...] essa passagem se efetue o mais rapidamente possível e sem fazer estragos. É a época em que se considera o jovem perigoso, violento: “a juventude tem que passar’

[...]” (COTTET, 1996, p. 8). Cottet (1996) se afasta da concepção de criança e de adolescente como representação de uma ideologia e afirma que tal forma de tomar os jovens não passa de uma significação dada a essa fase pela angústia de lidar com o jovem revoltado que se desestabiliza em face do real que retorna em seu corpo

Não podemos, portanto, permanecer paralisados na atitude que consiste em dissolver essas categorias [criança e adolescente] construídas no século XIX, uma vez que elas satisfazem às necessidades de uma ideologia tranquilizante. É preciso levar em conta o fato de que o conjunto desses clichês foi avalizado pelo próprio Freud. Há aí, no mínimo, um nó de gozo específico, que constitui, em certa medida, o núcleo racional da ganga imaginária formada pelo conjunto de enunciados que se pode sustentar sobre o caráter perigoso do adolescente e sobre o momento de crise. (COTTET, 1996, p. 10)

Com o trabalho de Cottet (1996) é possível demarcar a especificidade do posicionamento dos psicanalistas frente às tormentas da puberdade, separando-os da concepção de Foucault, Ariès e outros tantos autores que tratam a questão da adolescência e da criança como produtos apenas das ideologias. Cottet (1996) coloca a ênfase da questão no real do sexo tal como Freud fez ao tratar dos impasses da puberdade.

É importante destacar que nem Freud e nem Lacan definiram a adolescência. Embora não seja um conceito do campo psicanalítico e tais autores não tenham se debruçado tanto sobre suas questões, isso não nos impede de trabalhar a partir das elaborações que outros psicanalistas desenvolveram a respeito dela a partir das pistas deixadas por eles em articulação com as indicações que o personagem de Goethe nos oferece. Alberti (1996) nota que Freud sempre usou o termo puberdade para abordar tanto as transformações corporais quanto as psíquicas desse período.

Consideramos que em Freud, um texto fundamental para os psicanalistas que se propõem a refletir sobre a juventude é seu texto de 1905 *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Ali destacam-se dois pontos fundamentais sobre a puberdade: o encontro do jovem com o real do sexo e o trabalho de separação da autoridade dos pais que ele é convocado a fazer. Essa separação traz conseqüências e, dentre elas, destaca-se o que Freud chamou de “conflito de gerações”, um rompimento de uma geração para outra por conta das contradições que aparecem entre elas.

[...] Freud jamais excluiu da adolescência a questão do conflito de gerações, outra maneira de dizer que o “conflito de gerações” só tem sentido no contexto da adolescência porque é próprio dela fazer aparecer o real necessário ao desencadeamento de um conflito, o que às vezes pode acordar o mundo inteiro de supetão. (ALBERTI, 1996, p. 120)

Nas referências ao início da adolescência muitas vezes é utilizado o significante ‘despertar’, tal como é intitulada a obra de Wedekind, *Despertar da primavera* (2000), romance que trata da história de personagens que estão se deparando com os impasses colocados pela puberdade. Lacadée (2011) nos lembra que o despertar do sonho acalentado durante o período de latência remete ao tempo em que os jovens

testemunham a falta a ser, o sofrimento e a necessidade interior de se confrontarem com o mundo, com o intuito de se livrarem do que não está bem em suas vidas e de reconhecer os limites necessários ao desenvolvimento de sua existência. (LACADÉE, 2011, p. 56)

Para Freud, esse despertar nos remete ao despertar das fantasias que ficavam adormecidas durante o período de latência e reaparecem na puberdade (ALBERTI, 1996, p. 58). Podemos concluir que para a psicanálise, o despertar da primavera diz respeito à “adolescência marcada pela puberdade”, despertar que diz respeito ao real impossível de ser suportado (ALBERTI, 1996, p. 124).

Em relação a este campo de questões, a primeira notícia que localizamos nas cartas de Werther refere-se ao seu despertar, anunciado ao seu interlocutor com a notícia de sua partida de casa, movimento que Freud assinalou como “uma das mais significativas e também uma das mais dolorosas realizações psíquicas do período puberal” pelo trabalho de luto que exige do sujeito (FREUD, 1905/1996, p. 234). Werther anuncia ao amigo sua felicidade por partir, deixando a casa de sua mãe e os laços que tinha na cidade em que morava, e sua surpresa por conseguir separar-se de quem ama e de quem julgava inseparável e ainda assim estar alegre: *Wie froh bin ich, dass ich weg bin! Bester Freund, was ist das Herz des Menschen! Dich zu verlassen, den ich so liebe, von dem ich unzertrennlich war, und froh zu sein!* (GOETHE, 2006, p. 5)<sup>34</sup>.

<sup>34</sup> Em português: “Como estou feliz por ter partido! Deixar você, que eu tanto amo, de quem eu era inseparável e estar feliz!”. Embora tenhamos escolhido uma boa tradução da obra para o português, entendemos que algo se perde nessa transição de uma língua a outra, tendo em vista as escolhas que o tradutor faz ao realizar esse processo. Posto isto, decidimos utilizar citações em alemão já que esse trabalho pretende contribuir para um campo clínico que sustenta sua atuação pela escuta de pacientes levando em consideração os equívocos que retornam nas cadeias significantes.

A citação direta em alemão nos serve para atentar sobre a forma como Werther se refere à sua partida nesse primeiro momento com a expressão *dass ich weg bin* [por ter partido]. A partícula *weg*, significa “fora; embora” e nesse caso serve para a construção da expressão “por ter partido” ou “por ter ido embora”. No entanto, esse advérbio é também utilizado em outras expressões para indicar que um objeto desapareceu ou que está perdido<sup>35</sup>. Cabe lembrar ainda que o substantivo *Weg* significa caminho, trilha, vereda; *weg* e *Weg* não são homófonos, mas possuem a mesma grafia. Através destas observações nossa intenção é deixar aqui indicadas algumas ambiguidades que os significantes comportam quando Werther anuncia sua partida. Tais considerações serão importantes para nossa reflexão, mais adiante quando veremos que a expressão utilizada pelo personagem para dizer que precisa partir quando está desesperado e sabe que precisa se separar de seu objeto de amor, mas não consegue, não é a mesma. Na nossa leitura, estamos sugerindo uma diferença entre estes dois momentos nos quais a separação se coloca para a personagem, questão que pretendemos apresentar melhor mais adiante.

Feitas tais considerações, entendemos que a expressão escrita utilizada pela personagem aponta para significados que têm relação com esse momento de separação de sua mãe. Sua saída de casa lhe coloca frente a um caminho a ser percorrido característico do período da adolescência, mas que ao mesmo tempo, indica que ele está no (a) caminho, fazendo sua travessia, pode indicar por outro lado, se tomada ao pé da letra que ele está perdido/desaparecido (*ich bin weg*)<sup>36</sup>. Essa saída da casa dos pais durante a juventude, segundo Lacadée (2011), diz respeito à tentativa do jovem de encontrar uma “vida verdadeira”

pois para ele, é fora de seus domínios [dos muros de casa] que se encontra a vida verdadeira, o que ele crê ser o mundo real que o conduz a rejeitar os semblantes do Outro que até então o velam. Sair, sozinho ou com outros, encarna esse desejo de outro lugar, [...] que faz abrir a porta do desconhecido e sair errante pelo meio dito da língua [...]. (LACADÉE, 2011, P. 32)

Quando nos referimos à adolescência reportamo-nos a uma fase em que ocorre a passagem da vida infantil para a adulta e que durante este percurso, um

<sup>35</sup> Seguem exemplos: *mein Koffer ist weg; die Schmerzen sind weg*, que significam respectivamente, “minha mala sumiu/está perdida” e “as dores desapareceram”. Fonte: pons.eu.

<sup>36</sup> Cf. pons.eu.

trabalho de luto é necessário para que o sujeito possa tomar posição na partilha sexual.

O reconhecimento da falha nos pais pelo adolescente remete às tempestades às quais se referem os românticos, contra as quais Freud propôs as *Bändigungen*, as amarrações, diques que possibilitariam modular a vida pulsional (ALBERTI, 1996, p. 10). Segundo Freud (1905/1996, p.179), a função desempenhada pelos pais é importante para construção desses diques durante o período de latência. Só assim as crianças poderão erigir “as forças psíquicas que irão mais tarde impedir o curso da pulsão sexual e, como barreiras, restringir seu fluxo – a repugnância, os sentimentos de vergonha e as exigências dos ideais estéticos e morais” (FREUD, 1905/1996, p 179). Esses recursos de que nos fala Freud servem ao adolescente como norteadores para realizar o trabalho de separação. Para que ele possa fazer essa travessia, contudo, é preciso que ele já tenha alguma referência construída. No contexto recortado por este trabalho, destacamos o trecho no qual Freud usa a metáfora dos diques, visto termos encontrado também em Werther um comentário sobre as forças que impelem às produções artísticas que podem se tornar avassaladoras quando não são construídas barreiras para se defender de seu excesso. Nas palavras de Werther

Por que é que a torrente do gênio transborda tão poucas vezes e tão poucas vezes chega a ferver, em encrespadas ondas, sacudindo vossas almas letárgicas? Queridos amigos... É que além, nas duas margens, habitam homens graves e ponderados, cujas casinhas ajardinadas, prateleiras de tulipas e campos de hortaliças seriam levados pela torrente se os mesmos não houvessem sabido defender suas propriedades do perigo iminente a tempo, construindo diques e desvios. (GOETHE, 2006, p. 27)

Werther aproxima a construção de diques e desvios à imposição de regras que destruiriam “o verdadeiro sentimento da natureza e sua genuína expressão!” e se opõe ao dito de Wilhelm, seu interlocutor, que argumenta que as regras são “apenas um limite, só faz podar, os galhos parasitas etcétera...”. Esta posição apresentada pela personagem Werther é característica da juventude e, como vimos no começo desse capítulo, aparece no conflito de gerações que Freud aponta como essencial “para a evolução da civilização” (FREUD, 1905/1996, p.180).

Em relação à necessidade de conter estas forças avassaladoras, Werther faz uma comparação com o estado apaixonado em que um jovem “pende inteira e unicamente de uma moça, passa a seu lado todas as horas do dia, oferece-lhe todas



as suas forças” e aí lhe vem “um homem de boa posição, com cargo público” e o adverte: “Meu bom rapaz! Isso de amar é próprio do homem; porém tendes de amar como homem! Divide bem o vosso tempo, dedicando parte dele ao trabalho, e as horas de folga à vossa namorada” (GOETHE, 2006, p.27). Aqui, Werther marca sua posição de recusa a encarar a castração supondo que, agindo conforme o conselho dado, estaria abrindo mão da possibilidade de amar e do talento para as artes. A expressão “amar como um homem” nos reporta à desidealização do objeto de amor, situando-o como a causa de desejo que concerne ao sujeito e não como objeto de gozo que o avassala. Para isso, no entanto, é necessário que tenham sido construídos os diques e, quiçá, alguns desvios, como nos dizem a personagem e Freud.

Ainda no que concerne à travessia necessária ao adolecer lembramos que, se antes a criança estava às voltas com a questão de ser ou não o objeto que supostamente preenche a falta do Outro, com a adolescência se faz necessária a desconstrução desse lugar, o que tem por efeito a demarcação de um vazio que concerne tanto a ela, como ao Outro. É somente a partir desse vazio que o jovem poderá construir uma forma singular de lidar com seu gozo. De acordo com Falbo (2014), na neurose esse percurso

[...] exige um trabalho de luto intrínseco à desidentificação ao elemento que imaginariamente sustentaria a relação, que não existe, entre o casal parental: o Um (pai) e o Outro (mãe). Nessa trilha em direção à vida dita “adulta”, será imperativo o esforço de transcreever os traços com os quais se teceu a tela que sustentava a criança no lugar de sintoma parental, permitindo, então, a reconstrução de sua versão fantasmática norteadada pela impressão deixada pelo fantasma do Outro, de modo a poder responder como ser sexuado. (FALBO, 2014, p. 62-63)

A partir dessa citação, concluímos que na infância o sujeito constrói um lugar fálico norteadado pelas marcas significantes que recolhe do campo do Outro, alienando-se a elas para se constituir como sujeito. O retorno das pulsões adormecidas no período de latência exigirá do sujeito a construção de novos recursos para lidar com a sexualidade que volta a incidir sobre o corpo, desorganizando-o. Neste percurso, os pais, que outrora ocupavam um lugar idealizado para a criança, em face a seu desamparo, precisarão ser depostos dando lugar a novas referências.

### 3.2 – Narcisismo e a (des)construção dos ideais

A construção do eu, a forma corporal, é a primeira subjetivação do ser humano e nos remete à imagem ideal que ficará sempre “como um sonho de domínio. [No qual] estamos todos fortificados por este sonho” (ATTIÉ, 1987, p.23), por se tratar de uma forma antecipada. Em suas abordagens iniciais sobre o tema, Lacan se refere à imagem primordial apreendida pelo *infans* pelo termo antigo “Imago” e observa que essa primeira forma servirá como suporte às identificações que virão no desenrolar da cadeia significante do sujeito. A imago se refere, portanto, a “um protótipo inconsciente de personagem que orienta eletivamente a maneira como o sujeito apreende outrem. É elaborado a partir das primeiras relações intersubjetivas, reais e fantasiosas, com as pessoas da família” (ATTIÉ, 1987, p.27). Com essa proposição a respeito da imago, mais uma vez Lacan se opõe àqueles que sustentavam a teoria da psicologia do ego. Para o psicanalista, o *infans* nasce prematuro e antecipa sua imago antes mesmo de ter desenvolvimento psíquico para realizar outras funções como a fala.

Ao trabalhar a entrada do *infans* no narcisismo, Freud (1914/1996) concluiu que o eu não existe desde sempre e Lacan, retomando Freud, esclarece que é a partir da identificação com essa imago refletida, que será possível estabelecer uma separação entre “dentro e fora”, o eu e o Outro. Esse é o momento a que Lacan se refere como a ligação inaugural entre o grande Outro e o advento da função da imagem especular, que ganhará, posteriormente, a notação de i(a), quando a criança se vê no espelho e volta a cabeça para o adulto para “invocar seu assentimento” (LACAN, 1962-63/2005, p. 40-41). De acordo com Lacan (1962-63/2005), antes de passar pelo estádio do espelho, o i(a) encontra-se na desordem dos pequenos *a*, isto é, no autoerotismo, donde vem a fantasia de corpo despedaçado no desencadeamento de surtos esquizofrênicos e o sentimento de falta de si “de uma ponta a outra” (LACAN, 1962-63/2005, p.133). Portanto, “a nova ação psíquica” (FREUD, 1914/1996, p. 93) indicada por Freud faz com que o *infans* passe do auto-erotismo ao narcisismo. Essa relação do sujeito com o pequeno outro e sua articulação do sujeito com o grande Outro não se separam, trata-se da relação de eu ideal e Ideal de eu que “inaugura, pela identificação com a imago do semelhante e pelo drama do ciúme primordial [...], a dialética que desde então liga o [eu] a situações socialmente elaboradas” (LACAN, 1966/1999, p. 101). Feitas estas

breves observações sobre a edificação da imagem que organiza o campo narcísico, nos remetemos novamente ao texto de Goethe.

Em várias de suas cartas, Werther faz comparações entre ser adulto e ser criança, reconhecendo em seu comportamento atitudes que poderíamos interpretar como tentativas (mal sucedidas) de velar a falta com que se depara a cada vez que se vê confrontado com o real. Uma destas correspondências seria aquela em que ele conta ao amigo que ao reler em seu diário os escritos sobre sua história com Lotte e seu sofrimento crescente, percebe que ele tinha clareza da impossibilidade do encontro sexual com a amada, mas continuou seguindo como se fosse possível reencontrar o objeto perdido de sua paixão: “com quanta clareza sempre vi a minha situação e, de qualquer forma, segui procedendo como uma criança” (GOETHE, 2006, p. 68).

Em determinado momento do drama, Werther parte da cidade onde tentou trabalhar e decide passar pela cidade na qual morou durante a infância, falando com bastante sofrimento e nostalgia sobre esse deslocamento em direção à vida adulta e o vazio com que ele se depara a cada desencontro: quero entrar pela mesma porta, através da qual minha mãe saiu comigo na carruagem, depois da morte do meu pai, no dia em que ela decidiu deixar para trás aquela querida morada para ir meter-se na vossa insuportável cidade” (GOETHE, 2006, p. 111)<sup>37</sup>. Somente nesta parte do livro Werther dá notícias de sua história familiar contando ao amigo sobre a visita à cidade em que morou durante sua infância e indica ao leitor o sofrimento pela perda de seu lugar

Naquela época eu me lançava com feliz ignorância ao mundo desconhecido, e contava dar ao meu coração todo o alimento, todos os prazeres, cuja carência eu senti por tantas vezes tocar o meu seio. E agora regressava deste vasto mundo... Oh, meu amigo, quantas esperanças desapontadas! Quantos planos destruídos! (GOETHE, 2006, p. 112)

Parece-nos que a personagem Werther nos indica, ao longo de todo o romance, como um sujeito ao insistir em se posicionar nesse lugar de criança demandante emperra um trabalho de luto necessário e não consegue se haver com

---

<sup>37</sup> Essa é a única passagem em que Werther refere-se ao seu pai. Sobre sua família, poucas informações são apresentadas ao longo do romance. A infância do jovem seria interessante para pensar os impasses a que se vê confrontado durante o adolescer, já que uma importante parte da primeira e mais significativa relação sexual da criança persiste e influenciará nas escolhas de objeto mais tarde (FREUD, 1905/1996, p.229).

seu desejo. Diante do vazio deixado pela perda de seus ideais ou por estar aquém deles, Werther se detém no sofrimento, ruminando suas desgraças. Diz o personagem ao interlocutor

Que as crianças não sabem o porquê de desejarem algo, todos os pedagogos estão de acordo. Mas que também homens feitos se arrastem como crianças, titubeando sobre a face da terra, e, exatamente como elas, não saibam de onde vêm e para onde vão, até mesmo que não têm um fim determinado para suas ações, igualmente governados por biscoitos, balas e chibatas, ninguém faz gosto em acreditar. Quanto a mim, parece-me que não há realidade mais palpável do que essa. (GOETHE, 2001, p.24)

Essa indicação de Werther nos lembra que desde criança o sujeito demanda de seus pais inúmeras coisas - doces, brinquedos, atenção - e em contrapartida, também sofre as demandas que vem do Outro, sendo todas essas demandas, conforme indica Sonia Alberti (1996), demandas de amor: “o amor que o sujeito demanda no Outro, mas também o amor que o Outro demanda do sujeito em troca dos cuidados que lhe dá” (ALBERTI, 1996, p. 128). Quando dirige ao Outro palavras de amor, o sujeito adolescente induz esse Outro da linguagem a “olhá-lo em espelho, capturando-o num ponto a partir do qual ele poderia se ver como um objeto amável” (NICEAS, 2013, p. 83). Trata-se aqui de um ponto desde onde o sujeito possa ser reconhecido como objeto amável, pois nem tudo na imagem especular é libidinizado. Segundo Alberti, o jovem Werther parece indicar claramente a formulação de uma demanda de amor com a qual procura suprir a falha simbólica do pai por meio de identificações imaginárias (ALBERTI, 1996, p.132).

Ao constituir-se, a criança recalca a falha na imagem, aquilo que falta a ela e que supostamente lhe daria completude. Desse resto que não a preenche, quando instaurado sob a forma de falo - instrumento que entra em jogo para satisfação do desejo - constitui-se a dialética narcísica (LACAN, 1962-63/2005, p. 48-50). Essa imagem ideal da qual o sujeito se distancia com a constituição do ideal de eu, passa, então, a ser alvo do amor de si (FALBO, 2014, p. 64). Aquilo que resta da imagem é o ponto em que o sujeito não se reconhece, nem é reconhecido no campo do Outro. Esse ponto é objeto das investidas hostis do supereu, instância que exige sempre satisfação total para cobrir um vazio que não se preenche<sup>38</sup>.

---

<sup>38</sup> Cf. capítulo dois.

Com a chegada à puberdade, o despertar sexual leva o jovem a dirigir suas demandas para fora do círculo familiar. A perda dos ideais que lhe orientavam quando criança no sentido do que deveria fazer, falar ou como se portar diante das situações exige do jovem um trabalho de luto e criação a partir de sua falta a ser para lidar com o impossível da relação sexual. Destarte, concluímos que a ambivalência entre o amor e o ódio situa-se no campo narcísico e que quanto mais o eu é inflado, tanto mais o sujeito fica à mercê do supereu.

### **3.3 – O traumático da linguagem e a função do Fort-Da**

A entrada na juventude é um dos momentos em que o encontro com a parte silenciosa da linguagem é mais recorrente e lança o jovem num impasse (LACADÉE, 2011, p. 74). Trata-se de um ponto de gozo intraduzível que “faz a miséria do sujeito e o atrai para um sofrimento masoquista (ALBERTI, 1996, p.88), tal como observamos neste recorte de uma das cartas de Werther

quando vejo que esgotamos todas as nossas forças em satisfazer nossas necessidades, que apenas tendem a prolongar uma existência miserável; quando constato que a tranquilidade a respeito de certas questões não passa de uma resignação sonhadora, como se a gente tivesse pintado as paredes entre as quais jazemos presos com feições coloridas e perspectivas risonhas – tudo isso, Wilhelm, me deixa mudo. Meto-me dentro de mim mesmo e acho aí um mundo! Mas antes em pressentimentos e obscuros desejos que em realidade e ações vivas. (GOETHE, 2006, p.138)

Ao se dar conta dessa parcela do sofrimento que não se amarra, que não é articulável em palavras, Werther escolhe o mutismo e o isolamento. Essa queixa sobre a impossibilidade de tudo dizer é típica do romantismo que afirma que o papel e a expressão escrita não são suficientes para expressar a força da natureza e dos sentimentos (BACKES, 2006, p.18). Lembremos que desses impedimentos decorre a dor de mundo sobre a qual fala o poeta, dor pelo impossível de fazer um todo com a natureza ou pela impossibilidade de uma linguagem que dê conta de tudo. Com Lacan entendemos que a dor a qual se submete qualquer ser humano, está colocada pelo existir, que antecede até mesmo o ser, entretanto, nem todos a vivenciam da mesma forma, aqueles que escolheram se sujeitar ao simbólico, apesar de inevitavelmente se deparar com ela, podem apelar a um Nome para amortecer o gozo que lhe invade. Assim, ainda que seja impossível tudo

representar, seja através da fala ou da escrita, é preciso o simbólico para tentar circunscrevê-lo.

Desde muito pequena, a criança tenta dar conta dos efeitos traumáticos desse ponto indizível da linguagem. Reportamo-nos à cena descrita por Freud (1920/2010) ao observar a brincadeira do pequeno Ernst, o célebre jogo *Fort-Da*. O jogo do menino consistia em jogar um brinquedo para longe de seu campo de visão e depois fazê-lo reaparecer, ao mesmo tempo em que pronunciava os termos alemães *fort* [lá] e *da* [aqui]. Posteriormente, Freud o observou fazendo o mesmo jogo na frente do espelho, abaixando-se e levantando-se, pronunciando as mesmas palavras, repetindo-o incansavelmente. Esta cena, em conjunto com a escuta que fez de pacientes que voltaram da guerra e sonhavam com os horrores lá vivenciados, levou Freud a postular a existência no psíquico de uma compulsão à repetição, compulsão que leva o sujeito a repetir experiências dolorosas. Ernst com o jogo *Fort-Da* reproduzia uma cena desprazerosa relacionada à ausência de sua mãe.

Os termos *fort* e *da* usados na brincadeira descrita por Freud foram traduzidos como lá e aqui. Na língua alemã, o termo *da*, significante que o menino usa quando se refere ao lugar em que ele está, para onde retorna o brinquedo, pode significar muitas coisas – geralmente advérbios de lugar: aqui, ali, lá, mas também, e é isso que pretendemos destacar aqui, pode ter uma função na frase e não necessariamente um significado<sup>39</sup>. Nesses termos, a palavra pode ocupar um lugar na sentença fazendo com que outro elemento seja posicionado no lugar a ele designado, conforme as regras da gramática alemã. Nesses casos em que o *da* funciona como partícula, algumas vezes ele é traduzido, em outras é ignorado<sup>40</sup>.

---

<sup>39</sup> Referimo-nos ao uso do *da* como partícula que serve para dar ênfase e determinadas conotações à fala. Essas partículas são utilizadas geralmente na língua informal falada cotidianamente.

<sup>40</sup> Por exemplo, na frase *Da kommt Frau Müller* podemos obter duas traduções: “a senhora Müller está vindo”, em que o elemento *da* não é traduzido; e poderíamos traduzi-la por “aí vem/lá vem a senhora Müller”, em que o *da* aparece como advérbio. Se retirarmos o *da* e dissermos apenas *kommt Frau Müller*, a frase fica gramaticalmente incorreta, pois nesse caso o verbo deve ficar obrigatoriamente na segunda posição. Utilizando o *da* na primeira posição da frase, o verbo conseqüentemente fica em seu lugar correto conforme as normas gramaticais. Nesse caso, sua tradução pode ser ignorada ainda que ele tenha sido um elemento fundamental na frase para organizá-la.

Encontramos exemplos apenas de casos em que o *da*, com essa função, ocupa a posição um da frase fazendo com que o verbo em alemão ocupe a posição dois<sup>41</sup>.

Podemos articular essas considerações sobre o uso da palavra *da* na língua alemã com o jogo *Fort-Da*, focando na função que esse significante exerce na brincadeira. Junto com o *fort*, o *da* estabelece uma cadeia significante. Notamos que apesar do ponto de partida vir do *da*, só temos acesso a ele retroativamente quando Ernst usa o *fort*. Com esse jogo de fazer o brinquedo desaparecer, a criança tenta elaborar algo com seu sofrimento decorrente do desaparecimento de sua mãe. O desaparecimento, entretanto, não é demarcado por um significante, pois não há um significante que represente o sumiço do brinquedo; é somente pelo efeito retroativo gerado pelo encadeamento que se estabelece que algo esteve desaparecido. Com essa brincadeira a criança tenta dar conta do real traumático da linguagem. Freud apontou a importância do brincar em seus primeiros trabalhos, quando escreveu sobre o ato criativo dos poetas e tomou a criança como um deles, assinalando que o oposto de brincar não é o que é sério, mas o que é real (Freud, 1908 [1907], p. 149).

Alberti (1996), pesquisando os termos utilizados por Freud quando este trabalhou a questão do agir na clínica, teceu elaborações concernentes ao *Fort-Da* às quais cabe aqui nos reportarmos. Segundo a autora, *Akt* [Ato] é o termo que Freud utiliza para falar da repetição quando se refere ao jogo de Ernst com o carretel: “o *Akt* do *Fort*, o *Akt* do *Da*” (ALBERTI, 1996, p. 72). Articulando esta constatação com o ensino de Lacan, Alberti (1996) lembra que o psicanalista teria tomado esse jogo como o *Akt* que engendra o sujeito (ALBERTI, 1996, p. 72). O primeiro “*Sexualakt* para Freud é o *Akt* de que o sujeito é feito” (ALBERTI, 1996, p. 71). É o *Akt* que faz o princípio do prazer prevalecer, é a ligação que transforma “o ato de repetição em eternização do desejo” (LACAN, 1953, p.319 apud ALBERTI, 1996, p.71).

Retornando à história de Werther, a personagem parece tratar o sofrimento que sente como algo que lhe é externo, como dor que sobrevém do mundo, já que suas tentativas de lidar com seu mal-estar implicam sempre em partidas dos locais

---

<sup>41</sup> Na língua alemã os verbos na maior parte das vezes ocupam posições específicas. Nas perguntas eles são colocados na posição um; nas perguntas com pronomes interrogativos são situados na posição dois, assim como em frases afirmativas simples; nas sentenças com verbos modais, o verbo modal ocupa a posição dois e o segundo verbo é colocado no final da frase. Há exceções e as mudanças que ocorrem de acordo com o estilo do texto, mas essas são regras básicas da gramática alemã.

onde tenta se estabelecer, o que o leva a ser chamado de andarilho<sup>42</sup> por seu amigo. Em uma das cartas<sup>43</sup> que antecede seu afastamento de Lotte, Werther repete várias vezes ao amigo: *Ich muss fort!* [preciso ir embora] A partir das considerações que fizemos anteriormente do jogo *Fort-Da*, podemos inferir que as palavras de Werther remetem à separação da dor que ele sente mais do que da própria amada. Nessa direção, retomamos a expressão usada por ele mencionada no começo deste capítulo. Werther se refere à separação que faz de sua mãe pela expressão *dass bin ich weg*. À separação da amada, o jovem se refere por *ich muss fort!* [tenho que partir/tenho que ir embora], expressão que na língua alemã quase não é usada. A primeira, mais comum, parece enfatizar o ato da partida, enquanto a expressão *ich muss fort* transmite a ideia de partida realçando-a como um prosseguimento, no sentido de ir em frente. Retomando as indicações de Alberti (1996) sobre os efeitos do *Fort-Da* na direção de eternizar o desejo, podemos concluir que Werther não consegue prosseguir, isto é, abrir mão do laço com Lotte.

Essa leitura dos sofrimentos de Werther a partir do jogo *Fort-Da* parece corroborar a hipótese de Alberti (1996) quando problematiza a história do jovem cotejando-a com a de Moritz, outro jovem personagem suicida da obra de Wedekind (2000). De acordo com a autora, Werther vendo-se “nu” diante do impossível da relação sexual, tentaria pela via do amor relançar o que lhe causa seu desejo. No entanto, em sua paixão por Lotte, o objeto agalmático estaria identificado com a dama como objeto de desejo, produzindo uma identificação sem a possibilidade de dialetização (ALBERTI, 1996, p.134). Essa cola do objeto de desejo com o objeto que causa o desejo gera um bloco, tal como na holófrase que ocorre nas psicoses, bloco não-dialetizável, no qual S1 e S2 se acoplam sem intervalo (ALBERTI, 1996, p. 278). Para a autora, Werther pensado como um caso clínico poderia ser interpretado a partir de uma perspectiva neurótica, pois o que estaria em jogo em seu sofrimento seria o excesso de amor. No entanto, a firmeza com que Werther decide morrer “em nome do desejo diante da sensação da total incapacidade de viver por ele” apontaria para um gozo (*Genuss*) de auto-aniquilação que Freud diz estar presente na melancolia (Freud, 1917 apud ALBERTI, 1996, p. 133).

<sup>42</sup> *Wander*: caminhante, viajante. O verbo *wandern* significa caminhar, andar, vaguear. Fonte: pons.eu.

<sup>43</sup> Trata-se de uma carta de três linhas, o que faz sobressair ainda mais a repetição da expressão que iremos comentar.



O silêncio a que Werther vai se entregando nos aponta o estado de mortificação ao qual pode chegar o sujeito quando a cadeia significante não desliza. Vimos, com o jogo *Fort-Da* que através do simbólico é possível oferecer tratamento ao traumático que retorna do real. O que podemos destacar dessas reflexões é que a dificuldade de lidar com o sofrimento e a errância decorrente dele indicam que Werther tenta se separar das dores que vão pouco a pouco arrastando-o para uma queda.

### **3.4 – Agressividade: uma reflexão a partir do objeto a e de *das Ding***

Em *O mal-estar na civilização*, Freud (1930/2013) trabalhou os impasses que o amor e o ódio colocam para o sujeito a partir de sua relação com o *Nebenmensch* pautando-se nos mandamentos bíblicos “amar o próximo como a ti mesmo” e ainda “amai seus inimigos”. De acordo com o psicanalista, este preceito engendra problemas, visto que o amor coloca em jogo a identificação com aquele que é amado. Só é possível ao eu amar o semelhante na medida em que este for parecido com ele, porque com isso o eu pode amar a si mesmo no semelhante; é dado amar também, se o semelhante for mais perfeito do que o eu, porque assim o semelhante é amado como ideal da própria pessoa; por fim, é possível amar aquele por quem meu semelhante tenha afeição, pois se aquele sofrer alguma coisa, fará meu semelhante sofrer e deve-se partilhar a dor do amado. O campo narcísico, portanto, delimita o recorte do objeto a ser amado.

Freud indica que ao aceitarmos esses mandamentos, recusamos, contudo, há por trás da afabilidade do ser humano uma “cota considerável de tendência agressiva” (FREUD, 1930/2013, p. 123). O próximo, enquanto semelhante, é um possível objeto sexual, mas se for estranho não só é indigno de amor como tem direito à hostilidade e ao ódio, uma tentação para satisfazer nele a agressão que pode passar por diferentes formas de violência que vão desde a humilhação até a morte. Aqui, a discussão sobre o papel da agressividade na economia psíquica gira em torno do processo de identificação que faz parte do momento de constituição do eu no homem (LACAN, 1948/1999, p.113). Sobre este problema, Lacan assinala que o aparecimento da intenção agressiva pode ser provocado por uma “atitude que ofereça ao sujeito o espelho puro de uma superfície sem acidentes” reatualizando a imago instalada no inconsciente (LACAN, 1948/1999, p.110-112).

A partir do sofrimento que vivencia e do qual tenta se separar, isto é, através de seu “contato” com o Outro estranho, é possível à criança estabelecer uma separação entre ela e o Outro, ainda que este Outro esteja nela. Essa relação do sujeito se constitui dialeticamente a partir de um processo de identificação em que “o mundo externo está dividido numa parte que é agradável, que ele incorpora a si mesmo, e num remanescente que lhe é estranho” (FREUD, 1915/2007, p. 141). Esse remanescente ao qual Freud se refere diz respeito àquilo que o sujeito repudia e que se localiza em seu íntimo que ele percebe como estranhamente familiar e ao mesmo tempo alheio ao eu, o *Unheimliche*. Conceito paradoxal, esse resto é aquilo que se relaciona “ao que é terrível, ao que desperta angústia e horror” (Freud, 1919/2010, p. 329). Dentre as várias nuances de significado que a palavra alemã comporta, destacamos a definição do termo por Schelling: “*Unheimliche* seria tudo o que deveria permanecer secreto, oculto, mas apareceu” (FREUD, 1919/2010, p. 327). A palavra *heimlich*, portanto, “desenvolve o seu significado na direção da ambiguidade, até afinal coincidir com o seu oposto” (FREUD, 1919/2010, p. 340).

Anos depois de examinar o termo, Freud (1924b/2007) se dedica ao estudo do masoquismo atrelando-o à atuação da pulsão de morte. Há um masoquismo erógeno atuante na economia psíquica que, por um lado, se tornou um componente da libido e por outro tomaria como objeto o próprio organismo, impingindo-lhe sofrimento. Em outros termos, Freud caracteriza esse masoquismo como “o testemunho e o resquício da antiga fase de formação tão essencial para a vida, em que houve um amalgama entre a pulsão de morte e Eros” (FREUD, 1924b/2007, p. 110). Esse ponto que conjuga agressividade e amor, Lacadée (2011) chamou de “mancha negra” e assinala que com a noção de objeto *a*, Lacan teria lhe dado a função lógica de concernir “a um real inassimilável pela função simbólica”; real que, em Freud, recebeu o nome *das Ding*. De acordo com o autor, “a coisa freudiana” seria o ponto indizível onde “se sustenta a causa do desejo do sujeito ou o que está em jogo em seu gozo” (LACADÉE, 2011, p. 19).

Entendemos que é importante, para o desenvolvimento desse trabalho, estabelecer uma separação entre o conceito de objeto *a* e *das Ding*, conceitos que Lacadée (2011) parece ter aproximado, mas que entendemos não ter a mesma função. Anos antes de formular o conceito de objeto *a*, Lacan (1959-60/2008),

partindo de reflexões sobre a sublimação, assinala que há diferença entre o objeto “tal como estruturado pela relação narcísica” e *das Ding*

no nível da sublimação o objeto é inseparável de elaborações imaginárias e, muito especialmente, culturais. Não é que a coletividade as reconheça simplesmente como objetos úteis – ela encontra aí o campo de descanso pelo qual ela pode, de algum modo, engodar-se a respeito de *das Ding*, colonizar com suas formações imaginárias o campo de *das Ding*. (LACAN, 1959-60/2008, p. 125)

Formalizado o conceito de objeto *a*, Lacan (1968-69/2008) retoma a questão da sublimação quando discute a dialética do prazer, isto é, aquilo que ela retém de estimulação “a um tempo buscado e evitado, de um [...] limiar, [que] implica a centralidade de uma zona, digamos, proibida, porque nela o prazer seria intenso demais” (LACAN, 1968-69/2008, p. 218). Essa centralidade é o que ele designa como campo do gozo, “definindo-se gozo em si como tudo que decorre da distribuição do prazer no corpo” (LACAN, 1968-69/2008, p. 218). Tal distribuição é condicionada pela localização daquilo que ele designa como vacúolo e a “proibição no centro que, em síntese, constitui o que nos é mais próximo, embora nos seja externo” (LACAN, 1968-69/2008, p. 219). É em relação a isto que Lacan situa *das Ding*, o que há de mais íntimo, mas que só posso reconhecer do lado de fora. A Coisa não é sexuada (LACAN, 1968-69/2008, p. 224) e não se confunde com aquilo que ele chamou de Outro, Outro que coloca para deslizar a cadeia significante. De acordo com Lacan (1968-69/2008), “o Outro é um terreno do qual se limpou o gozo”. Enquanto o próximo é “a iminência intolerável do gozo”, o Outro é a “sua terraplanagem higienizada” (LACAN, 1968-69/2008, p. 219-220).

Sobre a relação entre gozo e objeto *a*, Lacan (1968-69/2008) nos aponta que “o objeto *a* desempenha esse papel [de fazer gozar] em relação ao vacúolo. Em outras palavras, é o que faz cócegas por dentro em *das Ding*” (LACAN, 1968-69/2008, p. 227). Na sublimação, o objeto *a* pode funcionar como equivalente do gozo e ao que parece “este resíduo, embora distinguido sob a função do *a*, [talvez] seja igual ao peso do Outro em seu conjunto” (LACAN, 1968-69/2008, p. 240-241). Neste caso, “ele está num lugar que podemos designar pelo termo “êxtimo”, conjugando o íntimo com a exterioridade radical” (LACAN, 1968-69/2008, p. 241).

De acordo com Darriba (2005) foi a partir do conceito de *das Ding* que Lacan estabeleceu as bases para a entrada em cena do objeto *a*, distinguindo duas

vertentes desse processo: o acesso impossível à coisa, interdita pela incidência da lei simbólica e a possibilidade de intercâmbio de objeto no campo do desejo, já que o objeto é 'sempre outro'. Só há satisfação parcial das pulsões, relançando o sujeito sempre ao vazio associado à Coisa (DARRIBA, 2005, p. 69-71). É preciso, portanto, que haja um esvaziamento do gozo, que um vazio seja cavado para que ocorra a queda do objeto *a*, situando-o como objeto causa de desejo.

Essa operação se faz pela incidência da metáfora paterna que descola o sujeito de uma identificação radical com o objeto. Com esse corte, o objeto é extraído e recoberto pelo falo. De acordo com Alberti, quando o Nome-do-Pai falta, o Outro não barrado é o supereu (ALBERTI, 1996, p.112). Conforme vimos com Lacan (1968-69/2008), o Outro é terraplanado de gozo a partir de uma proibição do acesso à Coisa. Alberti aponta a diferença da incidência da divisão na melancolia e na neurose: enquanto na neurose a função paterna produz uma divisão que deixa um resto, o melancólico é dividido pela incidência do gozo, o que o leva a uma ambivalência entre as identificações com o pai morto e com a imagem narcísica manchada pelo real (ALBERTI, 1996, p.112). É através do simbólico, portanto, que ocorre a extração do gozo circunscrevendo-o como objeto da falta em torno do qual as pulsões circulariam.

### **3.5 - Passagem ao ato: identificação radical do sujeito com o objeto?**

Com a queda da idealização dos pais, o jovem se depara com sua falta a ser. Na falta de referências que possibilitem compreender a dor de viver, e diante da impossibilidade de simbolizar o sofrimento, o jovem pode vir a se sentir só e inseguro e este mal-estar pode levá-lo "a flertar com a ideia da morte" (ALBERTI, 1996, p. 63). Desde o começo da história, Werther fantasia seu suicídio a cada desencontro com que se depara. Quando Lotte diz que eles não poderiam mais se encontrar, Werther decide se matar e o faz com um tiro na cabeça, utilizando as armas do marido de Lotte.

A tendência a agir é recorrente na adolescência, mas cada caso deve ser interpretado a partir de suas consequências e determinações singulares (ALBERTI, 1996, p. 63). Em um debate suscitado pelo aumento da incidência da tendência a agir entre jovens secundaristas, Freud (1910/2013) articula suicídio e melancolia ao recomendar àqueles que se interessassem pelo tema que se dedicassem às

investigações sobre o que se passa na melancolia, se quisessem compreender porque alguém perde todo seu apego pela vida e se mata.

No capítulo anterior, apresentamos a abordagem que Freud (1915/2007) fez sobre melancolia e luto demarcando, a partir da relação entre o sujeito e perda, a diferença entre os dois: no luto a perda é sentida pelo empobrecimento do mundo, isto é, à distância do eu, enquanto na melancolia a perda é sentida no eu por conta de sua identificação ao objeto perdido. Posteriormente, Lacan (1962-63/2005) retomou tais considerações situando o problema da melancolia na inseparabilidade entre o objeto *a* e *i(a)*. Assim, quando o melancólico sofre uma perda, o retorno da libido ao eu não funciona bem, porque para desfazer os laços que ligam a libido ao objeto, o melancólico precisa atacar sua própria imagem narcísica para atingir o objeto que ficou colado a ela.

Foi a partir da identificação do eu com o objeto perdido que Lacan (1962-63/2005) trabalhou, no *Seminário 10*, a passagem ao ato suicida na melancolia, separando-a da concepção de *acting-out*. Retomando os significantes *niederkommen lassen* [largar de mão/dar a luz] utilizado por Freud quando se refere à tentativa de suicídio de uma de suas pacientes, Lacan explica de que maneira se articula a queda do objeto na passagem ao ato e a queda do sujeito da cadeia significativa que o sustenta.

Neste seminário, Lacan (1962-63/2005) nos apresenta uma metáfora para explicitar melhor as diferenças entre a passagem ao ato e o *acting out*. A metáfora corresponde à seguinte explicação: no primeiro tempo o mundo existe, mundo onde o real se comprime. Em um segundo tempo, há o palco em que a montagem desse mundo é feita, o palco representaria aqui a dimensão da história. As coisas do mundo se colocam em cena no palco a partir das leis do significante. O palco, portanto, é a dimensão simbólica, onde o sujeito se aventura, como disse Lacan, mascarado; é por essa montagem que poderíamos afirmar que a história tem um caráter de encenação (LACAN, 1962-63/2005, p. 42-43).

Com essa metáfora, Lacan (1962-63/2005) constrói as bases para explicar o que acontece no ato e no *acting out* a partir da relação do sujeito com o objeto. No *acting out*, aconteceria o oposto do ato, isto é, enquanto a passagem ao ato se caracteriza pela queda do sujeito a partir da identificação absoluta ao objeto; no *acting* o sujeito não sai da cena, ele entra nela realizando uma “mostração”

(BRUNHARI; DARRIBA, 2014, p. 208). No ato, segundo o psicanalista, é de seu lugar no palco, situado como sujeito historicizado que ele “se precipita e despenca para fora da cena” (LACAN, 1962-63/2005, p.129). A cena é a dimensão simbólica e o ato, por conseguinte, implica um movimento de queda da cadeia significante (LACAN, 1962-63/2005, p.129). Quando ocorre a passagem ao ato, o sujeito está identificado com o vazio e, tal como o objeto que resta do simbólico, evade para o real.

A identificação absoluta com o objeto *a* no ato é apontada por essa evasão da cena no momento de maior embaraço para o sujeito. Lacan (1962-63/2005) descreveu o instante dessa passagem a partir do caso da jovem homossexual atendida por Freud, quando ela encontra o olhar irado de seu pai e pula para a linha onde passa o bonde: “ela se sente definitivamente identificada com o *a* e, ao mesmo tempo, rejeitada, afastada, fora da cena. E isso, somente o abandonar-se, o deixar-se cair, pode realizar” (LACAN, 1962-63/2005, p. 125). Embora nesse caso a jovem não seja melancólica, a propensão ao ato suicida na melancolia é pensada também nesses termos da queda do objeto *a*, já que no ato há o movimento que leva o sujeito a acompanhar o objeto em sua precipitação (BRUNHARI; DARRIBA, 2014, p. 208; p. 210).

Sendo a passagem ao ato suicida um fenômeno, ela deve ser pensada a partir de cada caso, situada a partir de seus precedentes e, quando possível, do que segue ao corte radical que se pretendia estabelecer. Não se trata de um fenômeno que aparece exclusivamente em casos de melancolia, tal como a psiquiatria propunha, isto é, não são todos os melancólicos que passam ao ato e nem toda passagem ao ato, tampouco, diz respeito à melancolia. Conforme indicado por Brunhari e Darriba (2014), a pergunta que resta dessas reflexões concerne à possibilidade de tomarmos o suicídio sempre pelo paradigma melancólico, independente da estrutura em jogo, tendo em vista que a evasão da cena ocorre somente quando há a identificação narcísica tal como recortada na melancolia, estrutura na qual ocorre a identificação absoluta do sujeito com o objeto *a*.

No começo do capítulo, abordamos o processo de constituição narcísica e concluímos que, na neurose, para que o *infans* construa o lugar de falo – que será desconstruído com o adolecer –, é preciso que a função paterna tenha operado. Tomando a passagem ao ato a partir da fórmula da fantasia, o sujeito aparece

apagado pela barra no momento de sua precipitação. Na melancolia, no entanto, o corte que poderia ser estabelecido pelo Nome-do-pai não se dá e, por não ser extraído do campo do Outro, o objeto *a* fica amagalmado na imagem especularizada, com a qual o sujeito resta identificado. Na psicose, portanto, a passagem ao ato diz respeito à tentativa de extração do objeto.

Conforme vimos com a releitura de Freud por Lacan, a identificação ocorre no princípio do luto e o *a*, que é objeto de identificação, é também o *a*, objeto de amor (LACAN, 1962-63/2005, p. 131). No entanto, vimos que, na melancolia, o luto não funciona e o que triunfa é o objeto na sua versão de dejetivo. Mas se o objeto *a* é também o objeto em causa na identificação e no amor, interrogamo-nos de que maneira podemos pensar a relação que há entre o melancólico e o amor, já que ele se identifica integralmente com o objeto que cai. Essas reflexões serão importantes para discutirmos adiante o que leva a personagem à precipitação suicida.

### **3.6 – Amor e melancolia: a ausência da falta e a problemática ligação ao objeto<sup>44</sup>**

Quando Lacan (1962-63/2005) fez a última afirmação a que nos referimos sobre o objeto *a* ser o objeto de identificação e objeto de amor, ele prosseguiu dizendo que para que se ame, é necessário que o objeto se constitua enquanto falta, daí a definição: amar é dar o que não se tem (LACAN, 1962-63/2005, p. 131). Conforme já discutimos anteriormente, na melancolia não há extração do objeto, então nos cabe perguntar o que acontece com o amor nesse caso, será que o melancólico não ama? Fundamentando nossas reflexões no artigo de Branco (2014) *O amor e suas falhas: uma leitura da melancolia em psicanálise* e no conteúdo já apresentado neste trabalho, propomo-nos a refletir sobre o assunto.

Branco (2014) desenvolve seu trabalho sobre a falha do amor na melancolia a partir de uma frase de Lacan em uma conferência proferida em 1975, na qual o psicanalista afirma que “A psicose é uma espécie de falha no que concerne à realização disso que se chama ‘amor’” (LACAN, 1976, p. 16 apud BRANCO, 2014, p.85). Essa referência possibilitou ao autor orientar sua investigação referente ao sentido dessa falha amorosa e de como ela aparece na melancolia.

---

<sup>44</sup> As reflexões que seguem têm o objetivo estrito de estabelecer alguns parâmetros nos quais poderemos nos apoiar para trabalhar posteriormente a problemática relação de Werther com Lotte, sem nos aprofundarmos nas discussões sobre amor e psicoses.

Assim, tomando o *Seminário 8* de Lacan como referência, Branco conclui que, para Lacan, o amor relaciona-se a um oferecimento, isto é, o amante oferece ao amado a sua própria falta e acredita que o amado é aquele que possui o objeto que falta a ele enquanto amante (BRANCO, 2014, p. 88). Desse modo, o objeto com que o eu se identifica é o mesmo objeto que se ama, mas que só é possível amá-lo enquanto objeto que se constituiu como uma falta. E para sustentar a possibilidade de dar o que falta a si, é preciso que se sustente, através do amor, “uma carência que é motor do desejo” (BRANCO, 2014, p.88). A partir dessas observações, pode-se compreender que é através de uma falta demarcada no simbólico que é possível sustentar o amor, a partir da condição do sujeito de falta a ser.

Nesses termos, a falha do amor na psicose a que Lacan se refere, concerne ao hiato não foi aberto para que esse oferecimento fosse possível. Sem esse hiato, portanto, ocorre uma falha no “impossível da relação sexual, ou seja, uma falha na função do objeto *a*” (BRANCO, 2014, p.89). Pode-se entender o efeito da falha dessa maneira porque o amor age como suplência à não relação sexual por duas vias, uma em que ele impele ao reconhecimento de um furo na relação entre os amantes e outra por indicar a “pluralidade e indistinção dos objetos pulsionais” (BRANCO, 2014, p. 89). Imaginariamente o amor tem por efeito a cristalização de uma escolha de objeto (BRANCO, 2014, p.89).

Se, na neurose, o amor tem por efeito a cristalização de uma escolha de objeto, na melancolia a escolha objetual cristaliza o objeto de maneira radical, já que ele fica colado à imagem. O cerne do problema da melancolia está no campo narcísico, tal como Freud observou ao denominá-la de neurose narcísica. O melancólico, nesse sentido, não teria a suplência do amor para fazer existir o objeto pulsional (BRANCO, 2014, p.90).

Tomando pelo viés da alimentação, o melancólico é aquele que sofre pela falha do amor do Outro que não possibilitou a inscrição da falta, isto é, não criou a possibilidade de um desmame, uma ausência que permite que algo se constitua como êxtimo (BRANCO, 2014, p.90 apud Hassoun, 2002). Para que se transmita o amor, é necessário um duplo movimento do Outro materno, sendo o primeiro a interpretação do grito da criança como um significante que indica uma demanda, situando-a como ser falante para além do objeto de cuidados que o *infans* é e o segundo movimento remete-se à possibilidade de sustentar ausências e presenças,



tal como no jogo do pequeno Ernst que apresentamos anteriormente. Essa abertura possibilita que a criança não fique presa à pura condição de objeto. Portanto, a perda do seio, é uma forma de instaurar uma falta que é condição de advento do sujeito, sendo esta falta a responsável por instaurar o lugar do objeto *a* (BRANCO, 2014, p. 92;93)

objeto *a*, sendo irrepresentável e sem imagem, requer o uso de experiências corporais de perda (seio, fezes, etc.) para representar psiquicamente a falta. A perda mais fundamental (da *Coisa*), perda que instaura o lugar do objeto *a*, só pode se presentificar para o sujeito sendo mascarada, num primeiro momento, de perda do seio. (BRANCO, 2014, p. 93)

Feitas essas considerações, podemos concluir que o papel do amor do Outro primordial tem por função transmitir a falta e, quando incapaz dessa transmissão, as ligações do melancólico com o objeto servem de apoio imaginário à sua imagem especular, indicado pela cola entre ele e Outro (BRANCO, 2014, p. 95). Essa característica da ligação do melancólico com o objeto servindo-se dele como apoio imaginário gera uma relação de dependência radical, pois, como assinalamos, quando o objeto é perdido, o melancólico cai colado a ele. Partindo dessas considerações, abordaremos a seguir o último ponto do trabalho, concernente à ligação que Werther estabelece com Lotte, à qual Lacan se referiu como o motivo de seu fim trágico.

### **3.7 - Considerações finais: o laço de Werther com Lotte**

Com a apresentação anterior sobre as relações entre a falta, o amor e a melancolia, entendemos que o sujeito só consegue estabelecer um laço amoroso com um objeto quando, imaginariamente, ele supõe que o Outro possui algo que lhe falta, o laço com o Outro se faz, portanto, pela via do simbólico. Essas observações nos fizeram refletir a respeito do laço que o jovem Werther estabelece com Lotte em que parece prevalecer um mais além da demada que lhe faz fantasiar as “perfeições que criam [seu próprio] suplício” (GOETHE, 2006, p. 94). Pensamos que o caráter radicalmente idealizado em que esse laço se estabelece poderia indicar o ponto fundamental que o leva à precipitação suicida.

Pesquisando em Freud e Lacan referências sobre a personagem, as encontramos apenas em Lacan, no *Seminário 1*, em que ele se dedica ao artigo de Freud sobre o narcisismo, desenvolvendo muitos pontos sobre o registro imaginário.

Em seus breves comentários sobre a personagem, Lacan (1953-54/1996) refere-se a Werther para explicar de que maneira ocorre o “amor à primeira vista” pressupondo que sua ligação com Lotte se estabelece pela escolha de objeto de tipo anaclítico, o *Anlehnungstypus*.

Este tipo de ligação objetal foi cunhado por Freud (1914), quando ele estabelece os caminhos que levam a escolha de um objeto: primeiro em conformidade com o tipo narcísico. Neste caso, a pessoa ama o que ela é, o que ela foi, o que ela gostaria de ser ou alguém que foi uma vez parte dela mesma. No segundo caminho, que nos foi indicado por Lacan como o correspondente da ligação de Werther, a escolha ocorre em conformidade com o tipo anaclítico (*Anlehnungstypus*): a mulher que alimenta; o homem que protege e a sucessão de substitutos que tomam seu lugar. Freud indica que há mais uma forma de se ligar ao objeto pelo tipo anaclítico que ele só poderá indicar depois de desdobrar alguns pontos do seu raciocínio<sup>45</sup>. As indicações que retiramos dessas duas primeiras é que o *Anlehnungstypus* tem como referência a relação do *infans* com o primeiro Outro e trata-se de uma ligação imaginária tal como a ligação narcísica por ocorrer a partir da “inversão da identificação” (LACAN, 1953-54/1996, p. 155). Em consonância com Freud, Lacan afirma que nessa ligação o sujeito encontra sua referência em uma situação primitiva, isto é, o que ele ama é a mulher que alimenta e o homem que o protege.

O termo *Anlehnung* foi traduzido para o português como “tipo anaclítico” a partir da tradução inglesa do texto alemão que utilizou-o em analogia ao termo “enclítico”, empregado com referência à partículas que se apoiam em outras palavras mais importantes numa frase e não podem iniciá-la (FREUD, 1914/1996, p. 94.). Recorrendo à tradução direta do português para o alemão, encontramos para o verbo *anlehnen* – de onde deriva o substantivo *Anlehnung* – os significados apoiar e encostar e, além destes, imitar, tomar por modelo. Para o substantivo *Anlehnung*, encontramos o termo amparo, além dos significados derivados dos verbos mencionados<sup>46</sup>. Lacan assinala a noção de dependência que o termo comporta, tal como aparece com o desenvolvimento do tema em Freud, mas afirma que ela é bem mais abrangente. A palavra foi utilizada pela primeira vez no artigo sobre o

<sup>45</sup> Escolhemos abordar o terceiro *Anlehnungstypus* após delimitarmos a que o termo se refere.

<sup>46</sup> Cf.: pons.eu; duden.de; michaelis.uol.com.br/escolar-alemao/

narcisismo; o encontramos também em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), incluído em 1915 em uma nota de rodapé. Nesta, Freud assinala que o tipo anaclítico é “baseado na ligação a protótipos infantis primitivos, isto é, naquele que desempenhou os primeiros cuidados com a criança” (FREUD, 1905/1972, p. 229). Ao falar em protótipo e nos primeiros cuidados, Freud indica o caráter mimético que essa relação pode comportar e ao mesmo tempo indica que se trata de uma ligação objetal muito primitiva, que antecede até mesmo o “acontecimento psíquico” que marca a passagem do auto-erotismo ao narcisismo. O termo anaclítico não comporta as nuances que esse tipo de ligação abarca, portanto, utilizaremos a partir deste ponto o termo alemão quando nos referirmos a essa forma de escolha objetal.

Com o objetivo de situar melhor o termo, procuramos no artigo de 1905 em que momento do texto Freud incluiu retroativamente essa nota e verificamos que ela foi encaixada entre as informações que antecedem suas observações sobre o primeiro objeto sexual durante a primeira infância, o seio. Freud (1905/1972) indica que, após a perda do seio - isto é, com o desmame - parte da primeira relação sexual da mãe com a criança persiste e interferirá quando esta for escolher um objeto “e assim restaurar a felicidade que foi perdida” (FREUD, 1905/1972, p. 230). Lembremos que, no tópico anterior, discorremos sobre a importância do duplo movimento da mãe no sentido de transmitir ao filho sua incompletude, em que o seio serve como objeto para a falta de representação psíquica da perda. É o Outro que transmite o amor através do alimento, como dom, e não como necessidade. O Outro transmite sua falta pelo desmame e, com isso, ensina o *infans* a amar, isto é, que algo lhe falta e que é impossível de completar. Segundo Freud (1905/1972), mesmo que não haja uma fixação incestuosa de sua libido, a criança quando entra na puberdade não escapa inteiramente à sua influência, pois as relações entre ela e seus pais são de extrema importância na escolha posterior de seus objetos sexuais (FREUD, 1905/1972, p. 230). Ao que parece, o *Anlehnungstypus* está relacionado a esse primeiro momento em que a criança se relaciona com o Outro por intermédio do seio e parece estar referido a algo para além do objeto em sua dimensão narcísica, isto é, para além do objeto como falta, mais próximo de *das Ding*.

Retomando agora o texto de 1914, Freud não estabelece grupos em que se diferenciaram aqueles que fazem escolhas objetais a partir de um ou outro tipo. O que ele assinala são as prevalências de ligação quando compara masculino e

feminino, dentre as quais destacamos “o amor objetual completo do tipo de ligação é, propriamente falando, característico do indivíduo do sexo masculino” e se manifesta quando ele “exibe a acentuada supervalorização sexual, que se origina, sem dúvida, do narcisismo original da criança, correspondendo assim a uma transferência desse narcisismo para o objeto sexual” (FREUD, 1905/1972, p. 94). Freud prossegue indicando que essa supervalorização está na origem do estado peculiar de uma pessoa apaixonada que sugere uma compulsão neurótica “cuja origem pode, portanto, ser encontrada no empobrecimento do eu em relação à libido em favor do objeto amoroso” (FREUD, 1905/1972, p.95).

A partir desses apontamentos, entendemos que Freud indica que quando a pessoa, geralmente do sexo masculino, liga-se ao objeto a partir da *Anlehnungstypus*, ela o supervaloriza a partir dos protótipos infantis de outrora e que essa exaltação do objeto é característica de uma pessoa apaixonada que teve o eu empobrecido pela diminuição da libido dirigida ao objeto amoroso, indicativo de uma compulsão, que talvez possamos interpretar aqui como o excesso pela exigência de completude.

Segundo Freud, as pessoas só se apaixonam quando ocorre a “realização das condições infantis para amar” e qualquer coisa que satisfaça essa condição é idealizada (FREUD, 1914/1996, p. 107). Exaltado o objeto sexual, ele transforma-se em um ideal sexual que “pode ser parte de uma relação auxiliar com o *ideal do eu*, porque pode ser utilizado para a satisfação substitutiva onde a satisfação narcísica encontra reais entraves”<sup>47</sup> (FREUD, 1914/1996, p.107, *grifo nosso*). O que pretendemos assinalar com essa observação é o terceiro caminho para escolha objetual do tipo *Anlehnung* da qual Freud falou, isto é, uma escolha que se faz pela idealização do objeto que se liga ao ideal do eu para obtenção de satisfação substitutiva à narcísica. A ligação ao objeto se dá por essa via quando a pessoa ama “o que foi outrora e não é mais ou aquilo que ela julga possuir as excelências que ela jamais teve” (FREUD, 1914/1996, p. 107).

De volta ao *Seminário 1*, de onde retiramos os trechos sobre Werther, Lacan aborda o amor enquanto fenômeno que se situa no nível imaginário e provoca perturbações e até a anulação da função do ideal do eu: “o amor reabre as portas

---

<sup>47</sup> Mais uma vez, indicamos que Freud parece usar indiscriminadamente os termos eu ideal, ideal de eu e supereu nesse artigo, o que torna esse ponto da questão bastante ambíguo.

[...] à perfeição” (LACAN, 1953-54/1996, p. 166). O objeto se torna desejável pela sua ação na economia psíquica ou pelos traços que se confundem com a imagem ideal que o sujeito tem em si, ainda que não muito estruturada. Mas de que maneira ocorreria esse amor que perturba e até anula o eu? Lacan afirma que isso ocorre por uma captação narcísica. Essa captação narcísica diz respeito à paixão, tal como acontece com Werther. Lacan define essa captação narcísica como uma confusão que não possibilita nenhuma regulação do aparelho, estabelecida pela falta de mediação simbólica garantindo a abertura em que o sujeito pode ser identificado (LACAN, 1953-54/1996, p. 166). Com o “fechamento” dessa hiância na paixão, o sujeito é mortificado pelo imaginário inflado por idealizações.

No tópico anterior, vimos que amar diz respeito ao oferecimento da falta que é circunscrita pelo simbólico; na direção oposta, a paixão acontece, segundo Lacan, por uma captação narcísica em que se tampona o vazio. Lacan chamou de “campo das fixações amorosas o campo da *Verliebtheit* [paixão]” (LACAN, 1953-54/1996, p. 155) e ao longo de sua apresentação parece usar os termos amor/amar, paixão/apaixonar-se indistintamente. Freud no texto sobre o narcisismo, parece não distinguir o verbo amar [*lieben*] do verbo apaixonar-se [*sich verlieben*], a não ser quando assinala a aproximação entre estar apaixonado e estar louco – que Lacan retomará na discussão sobre Werther. Embora não seja nosso foco de trabalho as diferenças entre amor e paixão, é preciso fazer algumas pontuações sobre isso para orientarmos discussão. Iniciaremos mais uma vez pelo campo semântico.

A palavra utilizada por Freud e retomada por Lacan para se referir ao campo das escolhas objetais, *Verliebtheit*, significa paixão. Esta é derivada da palavra *lieben* [amar]; o afixo *ver-* usado na derivação só tem sentido quando adicionado ao radical da palavra, mas não é possível estabelecer um efeito conotativo fixo em todas as palavras em que é adicionado. Apesar disso, podemos agrupar algumas das palavras iniciadas por este prefixo em dois grupos: aquelas em que fica indicado um engano (principalmente quando são verbos reflexivos), por exemplo, *sich ver|schreiben* – escrever errado, *sich ver|fahren* – errar o caminho; e outras que adquirem um sentido de perda, abandono: *Ver|lust* – perda de libido, *ver|schwinden* – desaparecer, *ver|lassen* – abandonar um recinto, *ver|lieren* - perder.

Esses apontamentos distanciam amor e paixão no nível semântico e contribuem para separar as noções no campo psicanalítico. *Verliebtheit* parece estar

relacionada à perda de amor que acontece com essa captação narcísica e ao engano que o imaginário engendra de tal maneira que o simbólico não consegue regulá-lo. Tal é a falta de regulação simbólica, que Lacan aproxima a captação narcísica da loucura, assim como Freud fez quando escreveu sobre o narcisismo e posteriormente em *O mal-estar na cultura*, onde indica que a fronteira entre o eu e o objeto amado – estabelecida simbolicamente – ameaça desaparecer, tal como na loucura (em que a função paterna é foracuída e portanto não há mediação simbólica):

Mas em relação ao exterior, pelo menos, o eu parece conservar linhas fronteiriças claras e definidas. As coisas mudam de figura apenas num estado, que por certo é extraordinário, mas que não pode ser condenado como doentio. No auge da *paixão*, a fronteira entre o eu e o objeto ameaça desvanecer-se. Contrariando todos os testemunhos dos sentidos, o *apaixonado* afirma que eu e você são um só, e está pronto a se comportar como se assim fosse. [...] O sentimento do eu, portanto, também está sujeito a perturbações, e as fronteiras do eu não são estáveis. (FREUD, 1930/2010, p. 250, *grifo nosso*)<sup>48</sup>

Lacan situa essa loucura engendrada pela captura narcísica através do amor à primeira vista remetendo-se a Werther, ao momento em que a personagem vê Lotte pela primeira vez, quando ela “ninava maternalmente uma criança” (LACAN, 1953-54/1996, p.166). Apontamos um equívoco na indicação de Lacan concernente ao que se passa nesta primeira cena reproduzindo o trecho em que a personagem conta a Wilhelm esse momento

[...] e quando eu havia subido a escada e adentrava a porta, dei de cara como mais encantador dos espetáculos que jamais presenciei. Seis crianças, de doze a onze anos, apinhavam-se na ante-sala à volta de uma moça de bela feição, estatura mediana, que usava um vestido branco simples, com laços de um vermelho pálido nos braços e no peito... Ela segurava um pão preto e o dividia entre os pequenos à sua volta, dando a cada um seu pedaço, na proporção da idade e do apetite. E dava-os com tanta doçura... [...]”<sup>49</sup> (GOETHE, 2006, p. 35)

<sup>48</sup> Segue a citação no texto alemão. As palavras grifadas são paixão e apaixonado: “Auf der Höhe der *Verliebtheit* droht die Grenze zwischen Ich und Objekt zu verschwimmen. Allen Zeugnissen der Sinne entgegen behauptet der *Verliebte*, daß Ich und Du eines seien, und ist bereit, sich, als ob es so wäre, zu benehmen”.(Freud, S., 1930b/2016, grifo nosso) Disponível em: <http://gutenberg.spiegel.de/buch/das-unbehagen-in-der-kultur-922/1>.

<sup>49</sup> Em alemão: “[...] und da ich die vorliegenden Treppen hinaufgestiegen war und in die Tür trat, fiel mir das reizendste Schauspiel in die Augen, das ich je gesehen habe. In dem Vorsaale wimmelten sechs Kinder von eif zu zwei Jahren um ein Mädchen von schöner Gestalt, mittlerer Grösse, die ein simples weisses Kleid, mit blassroten Schleifen na Arm und Brust, anhatte. Sie hielt ein schwarzes Brot und schnitt ihren Kleinen rings herum jedem sei Stück nach Proportion ihres Alters und Appetits ab, gab’s jedem mit solcher Freundlichkeit[...] ]” (GOETHE, 2001, p. 22)

Lotte, nessa cena, é a mulher que alimenta seus irmãos, após a morte de sua mãe, que lhe disse para ficar em seu lugar quando morresse. A retificação da cena a que Lacan se reporta corrobora ainda mais sua proposição sobre o tipo de ligação estabelecido por Werther com Lotte “uma imagem perfeitamente satisfatória do *Anlehnungstypus* essa coincidência do objeto com a imagem fundamental” (LACAN, LACAN, 1953-54/1996, p. 166).

Com base na leitura dos seminários posteriores de Lacan, é possível reler esta passagem como: quando o ideal, I, fica amalgamado com o objeto a, dá-se a paixão. Essa coincidência de objeto e ideal é o que desencadeia no herói sua “ligação fundamentalmente mortal” (LACAN, 1953-54/1996, p. 167). Ainda sobre a referida cena, Lacan indica que na captura narcísica é o seu próprio eu que se ama, “o seu próprio eu realizado ao nível imaginário” (LACAN, 1953-54/1996, p. 167).

Lacan indica que a cena em que Werther vê Lotte o faz amá-la à primeira vista, pois “cai bem na imago narcísica do jovem herói do romance” (LACAN, 1953-54/1996, p.322). Se nessa *Anlehnungstypus* acontece o contrário, isto é, quando o outro frustra o sujeito de seu ideal e da sua própria imagem, o efeito é a tensão destrutiva máxima (LACAN, 1953-54/1996, p. 322). Lacan assinala que, por um “nadinha” a relação imaginária balança para o lado do amor ou do ódio e, no caso de Werther, vai da paixão desmedida ao sofrimento aniquilador; nas duas pontas, a personagem parece estar lançada a um gozo mortífero.

A condição fundamental para a *Verliebtheit* é o rompimento do simbólico, isto é, a “ruptura das amarras da palavra” (LACAN, 1953-54/1996, p. 211). Werther fica submetido à imagem desse outro integral, este ideal amalgamado com o objeto a que satura sua imagem narcísica e confunde-se nele com a imagem da morte. Neste contexto em que se discute sobre o registro imaginário, a imagem narcísica e a imagem do mestre absoluto, que se confunde com a imagem da morte, Lacan diz que “estamos todos de acordo em que o amor é uma forma de suicídio” (LACAN, 1953-54/1996, p. 175). Não nos aprofundamos na discussão sobre o amor, mas poderíamos afirmar, tomando por base as reflexões que elaboramos com a história de Werther e sua paixão por Lotte, que, em alguns casos, *Verliebtheit* pode ser uma forma de suicídio.

## Considerações finais

Ao iniciarmos este trabalho, nos reportamos inicialmente à literatura como modo de situar o contexto no qual surge a obra de Werther; assim, discorreremos inicialmente sobre o movimento juvenil *Sturm und Drang* que reivindicava a autenticidade de uma produção literária alemã, livre das amarras estéticas da *Aufklärung*. Nessa atmosfera literária, Goethe lança suas primeiras obras, dentre elas a obra utilizada neste trabalho, conjugando a *Empfindsamkeit* [sentimentalismo] e a *Weltschmerz* [dor de mundo] característicos da época. Sua obra é a maior representante do movimento, mais do que aquela que o nomeou; seu lançamento gerou uma onda de suicídios e salvou o jovem autor de passar ao ato, apontando a disjunção que pode haver entre os efeitos da arte no artista e no público que a contempla. Através da escrita, Goethe pôde dar tratamento às dores decorrentes de seus desencontros amorosos durante a juventude.

A dor de mundo característica do *Sturm und Drang* e que Goethe soube representar tão bem com o personagem Werther, nos fez abordar a dor de existir discutida pela psicanálise, dor intolerável a que qualquer ser humano está submetido, já que “nenhum sujeito humano está livre de ter que se colocar como objeto” (LACAN, 1962-63/2005, p. 366). Na melancolia essa dor parece atingir seu estado mais puro, pois ela não é recalcada. Lembramos que a história de Werther fala de um jovem que se vê às voltas com um sofrimento com o qual ele não consegue lidar e, por não encontrar um meio de apaziguá-lo, acaba se suicidando. No campo literário, a dor de mundo que Werther expressa com seu sofrimento o faz ser considerado uma personagem melancólica; para refletirmos sobre seu sofrimento pela perspectiva da psicanálise, foi necessário estabelecer os parâmetros clínicos que configuram a melancolia antes de iniciarmos as reflexões utilizando a obra.

Assim, fomos conduzidos a examinar e discutir a melancolia nas perspectivas da psicanálise e da psiquiatria. Cotejando o tema nestes dois campos, concluímos que a psiquiatria se fundamenta em uma (con) fusão de classificações, apesar da influência que as conferências de Freud exerceram nesse campo, antes do advento dos tratamentos dos psicofármacos. Com o breve panorama histórico que percorremos, apontamos as contribuições de alguns expoentes da área e o



desaparecimento da melancolia das classificações diagnósticas em meio aos desdobramentos da categoria depressão. A dificuldade na diferenciação dos quadros, já que os mesmos sintomas perpassam diferentes patologias, foi apontada por psiquiatras que não encontram orientações nos manuais para estabelecer uma direção de tratamento do paciente. Nos tratamentos psiquiátricos atuais prevalece a prescrição de psicofármacos, tendo por base marcadores fisiológicos, ainda que a relação entre eles e a melancolia não se sustente cientificamente. Enquanto a psiquiatria se escora em diagnósticos baseados na observação de sintomas, destacamos que a psicanálise prioriza um diagnóstico diferencial e a singularidade de cada sujeito. Abordando a concepção de melancolia no campo psicanalítico, concluímos que para a psicanálise, nesses casos há uma identificação radical com o objeto que não foi destacado da relação com Outro. Por não descolar i(a) de a, a perda do objeto faz com que a identificação a ele prevaleça, tal como foi indicado por Freud quando disse que a sombra do objeto recai sobre o eu. A identificação com o objeto que cai engendra um conflito narcísico entre eu e supereu que Freud destacou através da elaboração de uma nova categoria nosológica, as neuroses narcísicas. Ao tomar a melancolia pelo conflito psíquico que nela ocorre, Freud a distancia da teoria humoral que marca sua caracterização na psiquiatria desde Aristóteles.

Assim, nos reportamos finalmente à personagem Werther. Como nosso tema se refere, como nos indica o título da obra, aos “sofrimentos do jovem”, nos foi imprescindível examinar primeiramente o mal-estar que atravessa o sujeito neste momento lógico de sua vida. Com a chegada à puberdade o sujeito é confrontado com as exigências de uma reconfiguração narcísica ocasionada pela separação da autoridade dos pais. Trata-se de um período que compreende uma transição permeada de perturbações, desencontros, mas também de muita inventividade. Do ponto de vista psicanalítico, as mudanças que ocorrerem durante esta travessia reverberam pela vida do sujeito, o que nos distancia de concebê-la pela via dos ideais de maturidade psíquica e da boa relação com objeto proposto em algumas linhas psicológicas. Pensar a adolescência pelo viés psicanalítico implica assumir como pressuposto a falta de “harmonização psicológica, [...] [de] maturação da tendência do objeto [...], [pois] não há nada que dê a medida de uma relação justa com o real” (LACAN, 1959-60/2008, p. 362).

Através das reflexões empreendidas neste trabalho, pudemos perceber que, embora a relação com Lotte seja a mais emblemática dos impasses a que o jovem se vê confrontado, ao longo da obra é possível verificar o enorme sofrimento de Werther ao se relacionar com as pessoas que cruzam seu caminho, o que lhe rende reprimendas e recomendações de que ele contenha os ardores de sua mocidade, posicionando-se de maneira mais comedida. Considerada um momento de crise, vimos pela perspectiva psicanalítica que a chegada da puberdade refere-se a um período em que o retorno do real pulsional engendra mudanças psíquicas e corporais importantes para o jovem. Adolescer, no entanto, pressupõe uma travessia que se realiza pelo deslocamento de um lugar imaginário construído na infância, movimento no qual se faz necessário um trabalho de luto pela queda das idealizações para que o sujeito possa construir um lugar para arriscar-se como desejante. Essa transição só acontece quando há o Nome-do-pai operando, isto é “o Nome do Nome do Nome” (LACAN, 1974/2003, p. 558). Talvez por isso, com o despertar da puberdade, ocorram tantos desencadeamentos de psicose, já que se trata de um momento onde as referências construídas vacilam. A puberdade reporta-nos a um momento da vida em que fica mais evidente que “à ideia de todo [...] objeta o menor encontro com o real” (LACAN, 1974/2003, p. 558). Aqueles que não conseguem se referenciar a um Nome se deparam com um gozo não barrado que pode levá-los à precipitação suicida.

Os impasses que acompanhamos através da aventura de Werther, nos levaram a interrogar o jogo de presença e ausência. Deste modo, verificamos que é através das ausências e presenças do Outro materno e da interpretação do grito do *infans* que o transforma em demanda, que ela transmite sua falta e a falta na criança. Essa passagem da obra e outras que citamos no trabalho<sup>50</sup> nos fazem pensar que a separação para Werther parece equivaler à morte. A pesquisa sobre os caminhos para escolha objetal – tipo narcisista e *Anlehnungstypus* – e as articulações com o momento de constituição subjetiva – desmame, entendido como perda de objeto e o estágio do espelho – requer um aprofundamento que pretendemos realizar em outra oportunidade, já que poderia ser relevante para estabelecermos articulações entre paixão e amor, gozo, neurose e psicose. As

---

<sup>50</sup> Cf. citação direta no capítulo 3, no tópico 3.1.1 - Narcisismo e a (des)construção de ideais, em que Werther escreve que julgava ter todo alimento, todos os prazeres durante sua infância.

referências de Lacan sobre enodamentos serão também de especial importância para a continuidade de nossa pesquisa sobre o tema.

Por fim, concluímos que a paixão de Werther por Lotte – sustentada por toda obra – pode ser tomada como um dos indicadores principais para trabalharmos o caráter mortífero com que Werther se liga ao objeto, aproximando-se bastante da loucura, ou seja, quando as fronteiras entre o eu e o Outro se apagam e o sujeito fica à mercê de um gozo que pode levá-lo à morte. O “amor” que Werther sente parece estar relacionado a um excesso pulsional impossível de ser satisfeito, característico da escolha de objeto pelo *Anlehnungstypus*. Nessa ligação, dá-se uma fusão do Ideal com o objeto. Trata-se aqui de uma construção imaginária frágil que ao vacilar em qualquer desencontro com que o jovem se depara, gera um rápido deslocamento do amor para o ódio ao objeto, deixando-o à mercê de uma força mortífera que ganha cada vez mais espaço ao longo da história.

Essa forma de encontro com o objeto nos remete a captura pela imagem de um Outro, primordial e consistente, que nos remete a um momento lógico anterior ao narcisismo, antes do gozo ter sido barrado. A paixão [*Leidenschaft*] em Werther é pura dor e sofrimento, diferente de laço amoroso estabelecido por uma falta, isto é, diferente do amor [*Liebe*]<sup>51</sup>. Com a personagem, aprendemos que a paixão leva o sujeito a tentar tampar o vazio estrutural com ideais que, quanto mais longe de se realizarem, mais aumentam a ferocidade do supereu. Por se constituir pelas idealizações infladas do imaginário, não há apaziguamento. Um laço que se estabelece pela saturação da imagem de si, portanto, não poderia ser menos mortífero; enquanto o amor pode servir de suplência ao impossível, a paixão de Werther parece conduzi-lo para a morte.

O final trágico da personagem Werther também nos levou a trabalhar as questões referentes à passagem ao ato a partir das referências de Lacan, o que nos possibilitou esclarecer de que maneira ocorre o suicídio e, por outro lado, a desvinculá-lo, necessariamente, de uma estrutura psíquica específica. Enquanto o neurótico passa ao ato no momento em que está apagado pela barra, nas psicoses a passagem ao ato aponta para uma tentativa de extração do objeto que ficou

---

<sup>51</sup> *Leidenschaft* é a palavra usada com mais frequência do que *Verliebtheit* para se referir à paixão. É derivada do verbo *leiden* [sofrer, agüentar, suportar], que aparece substantivada no título da obra de Goethe: *Die Leiden des Jugend Werther*. Ao falarmos em puro sofrimento/pura dor, preferimos empregar *Leidenschaft*, pois ela não é construída pelo radical *lieben* [amar] tal como *Verliebtheit*.

acoplado ao eu no processo de constituição subjetiva. A partir das reflexões apresentadas nesse trabalho, entendemos a relevância de aprofundar nossa pesquisa sobre as condições e funções da paixão e do amor em outra oportunidade. Ambos são fenômenos imaginários, mas aparentam ter funções distintas.

Melancolia foi o significante que fez confluir as etapas desse trabalho, cujo apoio foi um clássico literário para desdobramento do tema. Vimos que Freud e Lacan serviram-se várias vezes de referências literárias para fazer elaborações e desenvolver a teoria psicanalítica. Durante a elaboração do terceiro capítulo tivemos o cuidado de trabalhar somente com a obra, separando-nos da fantasia do autor que a construiu. Goethe criou uma vasta obra literária e acreditamos que pesquisas sobre ela e seu processo criativo seriam importantes para o desenvolvimento de conceitos psicanalíticos. Entretanto, um trabalho como esse exigiria tempo maior que o delimitado por um curso de mestrado. Sendo Goethe um escritor de língua alemã, achamos que seria importante a consulta aos textos em sua língua original, sem a interferência de tradutores. Neste trabalho foi possível consultar na língua alemã somente as passagens de Goethe e Freud que destacamos. Vimos que através da abordagem e desdobramento de alguns termos na língua alemã, foi possível direcionar algumas reflexões e engendrar novas questões também.

Apesar de Werther ser uma construção literária que nos coloca algumas limitações, foi possível desenvolver temas relevantes do campo psicanalítico através da releitura desse clássico que, como tal, “é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (CALVINO, 1993, p. 15).

## Referências bibliográficas

- ALBERTI, S. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Contra-capta, 1996.
- ALMEIDA, A. F. Efeito de Werther. *Análise Psicológica*, v. 18, n. 1, Lisboa, 2000, p. 37-51. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v18n1/v18n1a03.pdf> Acessado em: março de 2013.
- ARISTÓTELES. *Problema XXX*. Traduzido por Elisabete Thamer. Primeira parte, parágrafos 953a 10 – 955b 40. Disponível em: [http://www.ifcs.ufrj.br/~fsantoro/ousia/traducao\\_problema30.htm](http://www.ifcs.ufrj.br/~fsantoro/ousia/traducao_problema30.htm). Acessado em: 25/03/2014.
- \_\_\_\_\_. Problema XXX,1. In: PIGEAUD, J. *O homem de gênio e a melancolia*. Rio de Janeiro: Lacerda Editora, 1998.
- ATTIÉ, J. A questão do simbólico. In: *O estádio do espelho*. Salvador: Campo Freudiano, 1987.
- BACKES, M. Prefácio. In: GOETHE, J.W., von. *Os sofrimentos do jovem Werther*. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- BERCHERIE, P. *Os fundamentos da clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- BERNARDES, A. O eu e o supereu. In: \_\_\_\_\_. (org.) *10x Freud*. Rio de Janeiro: Azougue, 2005.
- BIRMAN, Joel. A cena constituinte da psicose maníaco-depressiva no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010.
- BRANCO, F. C. Sobre o amor e suas falhas: uma leitura da melancolia em psicanálise. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 85-98, Junho, 2014.
- BRUNHARI, M. V.; DARRIBA, V. A.. O suicídio como questão: melancolia e passagem ao ato. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 197-213, jun. 2014.
- BURKLE, T da S. *Uma reflexão crítica sobre as edições do manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais – DSM*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- CALVINO, I. *Por que ler os clássicos?* (trad. Nilson Moulin). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CHACHAMOVITCH, E. et al. Quais são os recentes achados clínicos sobre a associação entre depressão e suicídio? *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 31, supl.1, São Paulo, maio de 2009, p. S18-S25.
- CHAVES, E. A pulsão de Freud a Benjamin. *Revista Cult*, 181, ano 16, julho 2013.

COSER, O. Melancolia e depressão na psicanálise. *Depressão: clínica, crítica e ética* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003.

COTTET, S. Estrutura e Romance familiar na adolescência. In: *Adolescência*. Rio de Janeiro: Kalimeros, 1996.

DAFUNCHIO, N. S. Arte y Psicoanalysis. Disponível em: <http://www.nievesoriadafunchio.com.ar/arte.php?cod=15>. Acessado em 07/2016.

DARRIBA, Vinicius. A falta conceituada por Lacan: da coisa ao objeto a. *Ágora* [online]. 2005, vol.8, n.1, RJ 2005.

DEL PORTO, J. A.. Conceito e diagnóstico. *Rev. Bras. Psiquiatr.*, São Paulo, v. 21, supl. 1, p. 06-11, mai, 1999.

FALBO, G. Sublimação, arte, corpo. In: *Latusa: sublimação, o corpo que cai*. Rio de Janeiro: EBP, 2012.

\_\_\_\_\_. Construção da imagem de si, desestabilização e adolescência, *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2014.

FREUD, S. (1894a/1992). Carta 18. In: *Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1889)*. Buenos Aires: Amarrotu, 1992.

FREUD, S. (1894b/1992). Manuscrito E. In: *Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1889)*. Buenos Aires: Amarrotu, 1992.

FREUD, S. (1895/1992). Manuscrito G. Melancolía. In: *Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1889)*. Buenos Aires: Amarrotu, 1992.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. *Um caso de histeria e Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1908 [1907]). Escritores criativos e Devaneios. In: *Gradiva de Jensen e outros trabalhos*. Imago Editora Ltda. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, S. (1910). Introdução e conclusão de um debate sobre suicídio. In: *Observações sobre um caso de neurose obsessiva, uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. 1914. In: \_\_\_\_\_. *A história do movimento psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1915). As pulsões e seus destinos. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

FREUD, S. (1917 [1915]). Luto e melancolia. In: \_\_\_\_\_. *A história do movimento psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1919). O inquietante. In: \_\_\_\_\_. História de uma neurose infantil (“homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos. São Paulo: Cia das letras, 2010.

FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. In: \_\_\_\_\_. História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”); além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1923). O Eu e o Id. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

FREUD, S. (1924a). Neurose e psicose. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

FREUD, S. (1924b) O problema econômico do masoquismo. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

FREUD, S. (1930). *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2013.

FREUD, S. (1930b). Das Unbehagen in der Kultur. Disponível em: <http://gutenberg.spiegel.de/buch/das-unbehagen-in-der-kultur-922/1>. Acessado em 05/2016.

GARCIA, A. Adolescência – tempo de adolecer. In: *Objeto e tempo da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 1999.

GOETHE, J. W. *Die Leiden des jungen Werther*. Stuttgart: Reclam, 2001.

\_\_\_\_\_. *Memórias: poesia e verdade*. Brasília: UnB; HUCITEC, 1986a. v. I.

\_\_\_\_\_. *Memórias: poesia e verdade*. Brasília: UnB; HUCITEC, 1986b. v. II.

\_\_\_\_\_. *Os sofrimentos do jovem Werther*. Edição comentada. (tradutor Marcelo Backes). Porto Alegre: L&P Pocket, 2006.

GRIMM. *Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm auf CD-ROM und im Internet*. Disponível em: <http://dwb.uni-trier.de/de/>.

IANINI, G. A língua de Freud e a nossa. *Revista Cult*, 181, ano 16, julho 2013.

JURUENA, M. F. et al. Estudos latino-americanos sobre melancolia: um transtorno do humor melhor definido para o CID-11, *Rev. Bras. Psiquiatr.*, vol.33, São Paulo, mai, 2011.

KESTLER, I. M. F. O conceito de literatura universal em Goethe, *Revista Cult* [online], 130, 2010. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/o-conceito-de-literatura-universal-em-goethe/>. Acesso em: 21/03/2016.

KOHLSCHMIDT, W. O classicismo. In: BÖSCH, B. *História da literatura alemã*. São Paulo: Herder; Edusp, 1967.

LACADÉE, P. *O despertar e o Exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

LACAN, J. (1948). Agressividade em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, J. (1953-54). *O Seminário livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

\_\_\_\_\_. (1958). Juventude de Gide ou a letra e o desejo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. (1958-59). *O seminário livro 6: o desejo e sua interpretação*. Porto Alegre: *Circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 2002.

\_\_\_\_\_. (1959). Hamlet, por Lacan. In: *Shakespeare, Duras, Wedekind, Joyce*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989.

\_\_\_\_\_. (1959-60). *O seminário livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. (1962-63). *O seminário livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. (1964). Homenagem à Marguerite Duras pelo arrebatamento de *lol v Stein*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, J. (1966) O estágio do espelho como formador da função do eu tal qual nos é revelado pela experiência psicanalítica. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. (1968-69). *O seminário livro 16: de um Outro a outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. (1974). Prefácio ao *Despertar da Primavera*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

MICHAELIS. *Dicionário escolar alemão: alemão-português, português-alemão*. São Paulo: Melhoramentos, 2009.



MILLER, J. A. *Em direção à adolescência*, 2015. Disponível em: <http://minascomlaca.com.br/blog/em-direcao-a-adolescencia/>. Acessado em: 10/02/2016.

MOURA, M. As razões de Werther: o papel da sensibilidade na formação da individualidade. *Revista Cult* [online], 130, mar, 2010. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/as-razoes-de-werther/>. Acesso em: 04/02/2013.

NICEAS, C. A. *Introdução ao narcisismo: o amor de si*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

NOGUEIRA, E. Freud um duplo de Goethe. *Reverso* [online], v. 30, n. 55, Belo Horizonte, jun. 2008, p. 77-80.

PEREIRA, M. E. C. Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 379-386, junho 2009.

PONS. *Dicionário online PONS*. Disponível em: [pt.pons.com/traducao](http://pt.pons.com/traducao).

QUINTELLA, R. R. Questões acerca do diagnóstico da depressão e sua relação com o campo médico e científico. *Psicol. Argum.*, Curitiba, v. 28, n. 60, p. 83-95, jan./mar. 2010.

REBOLLO, R. A.. O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno. *Scientle studia*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 45-82, 2006.

REZENDE, J. M.. O juramento de Hipócrates. In: *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina* [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

ROSENFELD, A. Aspectos do Romantismo alemão. In: *Texto/contexto: ensaios*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *História da Literatura e do Teatro Alemães*. São Paulo: Perspectiva; EDUSP: Campinas: EDUNICAMP, 1993.

SCLIAR, M. *Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, R. et al. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. *Cad. CRH* [online], vol.24, n.63, 2011.

SÜSSEKIND, P. Considerações sobre a teoria filosófica do gênio. *Viso: cadernos de estética aplicada* [online], n. 7, jul-dez, 2009.

TENÓRIO, F. et al. Melancolia como presença real do objeto – uma abordagem lacaniana. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, 17(3), set. 2014.

THAMER, E. Problema XXX, 1. In: *A dor de existir*. Rio de Janeiro, Kalimeros, 1997.

VIEIRA, M. A. Dor de existir, tristeza e gozo. In: Almeida, C.; Moura, J. M.. (Org.). *A dor de existir*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1997.

WEDEKIND, F. *Frühlings Erwachen*. Stuttgart: Reclam, 2000.